



O MAGO
A SERVA DO IMPÉRIO - VOL. 2

RAYMOND E. FEIST
& JANNY WURTS

Tradução de José Remelhe e Rui Azeredo

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina





REORGANIZAR

As trombetas soaram. Depois de dois dias atrás de portões cerrados, com os soldados acomodados no jardim e no pátio e até na entrada do piso inferior, o ruído foi uma intromissão bem recebida. Mara pôs de lado um rolo de pergaminho de uma obra que não conseguira ler. Tinha os nervos como cordas demasiado retesadas, prontas a reagir ao mais leve movimento ou som. Já estava de pé mesmo antes de pensar em levantar-se e os guerreiros de serviço tinham as espadas já meio desembainhadas.

E, então, a razão sobrepôs-se ao instinto defensivo. Um ataque não seria anunciado com um toque de trombetas, nem ocorreria em pleno meio-dia. As trombetas só poderiam anunciar uma já há muito aguardada chamada para reunir em assembleia para fazer outro qualquer anúncio imperial.

Grata por a espera ter acabado, Mara preparou-se para descer ao piso inferior.

Naquele intervalo de tempo, Arakasi não enviara mais relatórios. Mara confiara nos boatos trazidos em troca de moedas lançadas sobre as paredes para os traficantes de rumores, e as novidades que conseguira reunir eram bem escassas para a dimensão do que sucedera. Na noite anterior, rápida como o vento, fora passada a palavra pelas ruas de que Almecho pusera fim à sua própria vida, devido à humilhação sofrida. Também circularam estranhas conversas sobre o facto de a Assembleia ter considerado Milamber um proscrito, tendo sido afastado do seu cargo. Fontes menos fiáveis indicaram que o mago bárbaro dizimara toda a Assembleia. Mara duvidou de tal versão; quando tentou imaginar um poder numa escala suficientemente vasta para controlar a tempestade que destruíra a arena, a sua mente não conseguiu interiorizar tal conceito.

Sem que ninguém lhe pedisse a opinião, Kevin observou secamente que não desejaria ser o enviado para informar o mago bárbaro da sua alteração de estatuto.

Mara desceu a grande escadaria, que mais parecia um conjunto de prateleiras de um armeiro com os elmos e anteparos para as mãos postos de lado pelos guerreiros em descanso. Havia espadas empilhadas aos cantos e a balastrada com a beira enroscada transformara-se num local de recolha de lanças. Desde a chegada das tropas de auxílio, os trinta guerreiros origi-

nais haviam crescido para uma guarnição de uma centena e os aposentos de hóspedes estavam todos peçados de oficiais.

O som da trombeta despertara mais gente e a patrulha de serviço constituída por setenta e cinco homens estava completamente armada. Preparados para entrar de imediato em ação, os homens fizeram formação aquando da aparição da sua senhora e abriram uma passagem entre ela e a porta. Mara passou pelo meio deles e verificou que Kevin não estava no canto junto aos que jogavam dados.

O pátio no exterior em frente à entrada apresentava-se igualmente peçado de guerreiros. Formaram três filas no exíguo espaço quando ela fez sinal a Lujan para que destrancasse o portão da rua.

Havia quatro Brancos Imperiais à espera do outro lado e um arauto numa túnica brilhante branca justa e comprida. Os seus símbolos de posição refletiram a luz do Sol, assim como a faixa dourada em redor da cabeça e o bordão enfeitado a ouro correspondente ao seu cargo.

— Senhora Mara dos Acoma — entoou ele.

Mara avançou um passo em relação a Lujan e apresentou-se.

O arauto retribuiu com uma pequena vénia. — Transporte as palavras do Luz do Céu. Ichindar, nonagésimo primeiro Imperador, pede-vos que vos retireis à vontade para a vossa casa. Ide em paz, pois a sombra dele é lançada sobre a amplitude da terra e os seus braços envolvem-vos. Quem quer que perturbe a vossa passagem seria considerado inimigo do Império. Assim ele decretou.

Os guerreiros atrás de Mara mantiveram-se estáticos, na expectativa. Mas, para espanto de todos, o arauto do Imperador não se referiu a qualquer chamada para reunir o Conselho. Sem aguardar por resposta, e sem proferir quaisquer outras palavras, realinhou a sua escolta e percorreu a viela rumo à casa seguinte.

Apanhada de surpresa, Mara ficou de sobrolho franzido sob a luz do Sol enquanto os seus oficiais fecharam e trancaram os portões. Perdera peso desde que haviam escapado da arena. As preocupações deixaram-na pálida, com pesadas manchas escuras debaixo dos olhos, e agora aquele derradeiro desenvolvimento gerava um mau presságio que a gelou até aos ossos. Se o Senhor da Guerra morrera em desgraça, e os senhores do Império e as respetivas famílias estavam a ser enviados de novo para casa sem serem chamados a reunir, já não havia dúvidas: o Imperador teria dado início ao Grande Jogo

— Precisamos do Arakasi — disse Mara, despertando sobressaltada das suas divagações. Lançou um olhar atormentado ao seu Comandante das Forças Armadas. — Se a guarda do Imperador assegura a paz, será seguro enviar um mensageiro, certo?

— Bela senhora, assim será feito — disse Lujan, num tom quase esquecido de galhofa. — Com as ruas seguras ou não, qualquer homem ou criado daqui iria a correr descalço por entre o caos se o pedísseis.

— Eu não pediria. — Numa mistura de diversão e solenidade, Mara baixou o olhar para os seus próprios pés, ainda envolvidos em tecido macio depois da correria descalça pelas ruas. — Já passei por isso. O Jican já recebeu ordens: todos os meus escravos vão receber sandálias novas.

O que, à sua maneira, revelou a influência do midkemiano, embora nesse ponto Lujan se tenha refreado a comentar. A senhora era diferente de qualquer outro governante que já conhecera, com as suas ideias radicais e a sua dureza inflexível, assim como os seus estranhos momentos de compaixão. — Se achais que nos dá jeito mais espaço livre — disse ele —, posso enviar metade da guarnição aos banhos públicos.

Desta vez Mara sorriu. — Não gostam de ser pisados enquanto dormem? Estamos um bocado sobrepovoados — reconheceu. Na realidade, a casa cheirava a estalagem suja e barata. — Fazei como vos aprouver, mas quero uma companhia extra mantida à mão dentro da cidade. — Assim que se virou para reentrar na casa cidadina para tratar das instruções a entregar a Arakasi, acrescentou um último pensamento. — A última coisa que os Acoma vão fazer é meter o rabo entre as pernas e fugir para casa.

Quando Lujan se curvou, estava a sorrir abertamente.

O mensageiro revelou-se desnecessário. Enquanto Mara deliberava sobre a melhor forma de levar secretamente uma mensagem a um dos lugares combinados para o efeito, o próprio Mestre Espião apareceu disfarçado de vendedor de legumes. Mara apercebeu-se disso quando se deu um burburinho nas cozinhas, e um incharacterístico acesso de irritação por parte de Jican.

— Por todos os deuses, não o esquartejais com esse cutelo de carne — disse Kevin num jovial tom de barítono. A sua gargalhada ecoou pela ampla escadaria e, percebendo que o seu irado *hadonra* iria retaliar pondo o seu amante a raspar latrinas, Mara desceu apressadamente para intervir.

Encontrou o seu Mestre Espião encostado à roda de uma carreta cheia de legumes estragados que alguma alma parcimoniosa salvara para alimentar o gado. — Não havia dos frescos no mercado — estava a explicar Arakasi, com ponderação, a Jican. Não tendo conseguido aplacar o homenzinho ruborizado, ele acrescentou uma nota de esperança. — No bairro dos pobres, estes melões podem atingir bons preços.

Em risco de desatar a rir após dias de trauma e preocupações, Mara anunciou a sua presença. — Arakasi, necessito de vós. Jican, pedi ao Lujan

uma escolta de soldados e ide ao talhante procurar alguma carne comestível. Caso não a encontréis, esses melões não cheiram assim tão mal.

Arakasi saltou do seu poleiro, fez uma vénia e deixou a carreta e o recheio aos cuidados do *hadonra*. — Feliz caçada — murmurou ao passar, o que lhe valeu um olhar incisivo por parte de Mara.

— Pareceis estar muito bem-disposto esta manhã — comentou ela.

— Isso só acontece porque mais ninguém o está — interrompeu Kevin. — Ele só o faz para ser ruim.

O bárbaro colocou-se ao lado da sua senhora e do Mestre Espião quando ela refez o seu caminho pela copa, para depois se instalar nos bancos de pedra dispostos em círculo no pátio para conferenciar.

Mara gostava daquele local, com as suas árvores floridas e o seu trio de fontes sussurrantes. Mas o seu comportamento era tudo menos lânguido. — A morte do Almecho está confirmada? — perguntou ela de pronto.

Arakasi livrou-se da bata que cheirava intensamente a fruta podre. — O Senhor da Guerra executou o ritual de expiação perante todos os seus servidores e amigos, incluindo os dois Grandiosos. O seu corpo jaz com grande pompa no Palácio Imperial.

— Soubestes que não foi convocada nenhuma Assembleia? — quis saber Mara, agora sem ocultar a sua preocupação.

Arakasi deixou-se de frivolidades. — Soube. Alguns senhores estão já a manifestar o seu descontentamento e a voz do Desio é a que mais alto se eleva.

Mara fechou os olhos e inspirou o aroma doce das flores. Era tudo muito repentino; os acontecimentos estavam a suceder-se demasiado depressa. Pelo bem-estar da sua casa, teria de agir, mas como? Todas as leis conhecidas tinham sido violadas. — Quem governará?

— O Imperador. — Todos os olhares incidiram sobre Kevin.

Mara suspirou num acesso de impaciência. — Não compreendeis. O Imperador governa enquanto líder espiritual. Enquanto as questões quotidianas dos Tsuranuanni são conduzidas pelo pessoal do Imperador, o Conselho Supremo governa a nação. Toda a política parte de lá, e o Senhor da Guerra é o mais proeminente entre os grandes senhores da terra.

Kevin atirou o polegar por cima do ombro na direção do palácio. — Penso lembrar-me, igualmente, de alguém ter dito que o Luz do Céu nunca aparecera em público, mas ali estava ele, grande como a vida, sentado a ver os jogos. Tal como vejo as coisas, este imperador já alterou as tradições dos seus predecessores. O Ichindar pode estar mais interessado do que julgais em governar.

Arakasi coçou o queixo. — Se não for ele, então poderão ser os Grandiosos a entrar em cena. No outro dia havia uma desmesurada quantidade deles presentes.

— Toda a gente faz conjeturas — objetou Mara. — Aquilo de que precisamos é de factos. Quem sobreviveu à tragédia nos jogos e se houve quaisquer acidentes suspeitos no rescaldo.

— Mais ferimentos do que mortes — elucidou Arakasi. — Deixo-vos uma lista escrita antes de partir. Se estiver a ser aberto um precedente grave no palácio, disponho de agentes a quem posso colocar perguntas. Para já, aconselho cautela, apesar da paz do Imperador. Muitas ruas estão ainda bloqueadas por destroços. Os sacerdotes das Vinte Ordens abriram os templos para albergar os desalojados, mas com o comércio despedaçado nas docas, os alimentos escasseiam. Andam por aí pessoas esfomeadas e desesperadas, que se revelam tão perigosas quanto assassinos. Os trabalhos de reparação começaram esta manhã na zona do porto, mas, até os mercados reabrirem, será perigoso percorrer as ruas.

Mara apontou com pesar para as ligaduras que tinha nos pés. — De qualquer modo, não deveria sair até a minha liteira ser substituída.

Arakasi levantou-se, espreguiçou-se e fletiu as mãos até estalar os nós dos dedos. Mara fitou-o com os olhos estreitados. O golpe na face estava a sarar, mas a carne em redor parecia mais retesada do que se recordava. — Há quanto tempo não dormis?

— Não me lembro — disse o Mestre Espião. — Houve muita coisa a tratar. — Com alguma repugnância, pegou na bata de lavoura que despira. — Com a vossa permissão, minha senhora, vou pegar outra vez na carreta e procurar os vossos guardas e o *hadonra*. Os mercados podem estar fechados, mas tenho uma ideia de onde o Jican poderá comprar legumes. — A sua cabeça desapareceu momentaneamente atrás da peça de roupa enge-lhada e imunda quando a enfiou por cima da túnica. Despenteado, vesgo e parecendo um verdadeiro camponês desgastado pelo tempo ao emergir da bata, acrescentou:

— Vai sair muito caro.

— Assim sendo, o Jican não vos ficará a dever favores. Ide com cuidado — pediu Mara.

Arakasi fez uma vénia e passou por debaixo do arco que dava para a casa, onde instantaneamente se tornou invisível; a sua voz insinuou-se suavemente para fora da sombra. — Ides ficar? — E depois, após uma breve pausa: — Bem me pareceu.

E de repente sumira.

Kevin fitou a sua senhora sob a luz verde que tombava pelo meio das árvores. — Não vos poderei persuadir a regressar a casa por causa do Ayaki? — Também perguntou por interesse próprio, pois sentia, no fundo da sua mente, uma necessidade de falar com Patrick, e de partilhar com o seu conterrâneo as novidades que lhe assoberbavam o coração

desde os jogos: Borric e Brucal derrotados e o Reino de portas abertas para uma invasão.

Por momentos, Mara pareceu angustiada. — Não posso regressar a casa. Não, com tanta coisa a acontecer. Tenho de estar perto do assento do poder, não interessa para que lado pendam as coisas. Não permitirei que a Casa dos Acoma seja esmagada na sequência das decisões de outros homens. Se corremos perigo, acarinharei o meu filho até ao último fôlego junto do meu corpo, mas irei agir.

Pousou as mãos, tensas, na pedra trabalhada. Suavemente, Kevin pegou nelas e acolheu-as nas suas palmas aconchegantes. — Sentis-vos assustada — comentou.

Ela assentiu com a cabeça, o que foi uma admissão relevante. — Isso é porque apesar de poder agir contra uma conspiração dos Minwanabi ou de qualquer outro senhor inimigo, há duas forças no Império perante as quais me devo curvar sem questionar, e uma, ou ambas, estão aqui presentes.

Kevin não teve de pensar muito para calcular que se trataria do Imperador e dos magos. Quando o olhar dela se ensombreceu e virou para o interior, o midkemiano percebeu que estava igualmente preocupada por causa do filho.

Decorreram mais três dias, preenchidos com os sons de soldados em marcha nas ruas e com o rangido de carretas que transportavam destroços, entulho e corpos. Mara esperou e recebeu informações de Arakasi, entregues das formas mais bizarras e às horas mais impróprias da noite. Kevin, laconicamente, comentou que o Mestre Espião tinha uma queda para estragar os momentos em que eles faziam amor, mas a verdade é que o tédio proporcionava ao casal mais tempo para o prazer. A sua previsão de que o Imperador iria assumir a governação do Império revelou-se parcialmente correta, mas estava em curso mais do que um jogo político, e Arakasi lançara pedidos a todas as suas fontes para descobrir que mão puxava os cordelinhos.

Com o passar do tempo, e com os membros do Conselho a competirem para descobrir o perfil da estrutura de poder emergente, tornou-se claro que a intervenção de Ichindar não era um capricho. Ele planeara tudo cuidadosamente e manteve homens a postos para avançar e lidar com as questões por norma deixadas aos agentes e representantes dos senhores do Conselho. O *puzzle* tornou-se mais claro quando Arakasi começou a desvendar quais as fações que providenciavam apoio a Ichindar. Elementos da Fação da Roda Azul, quase todos eles ausentes do caos vivido nos Jogos Imperiais, eram o coração da trama. Mesmo as antigas famílias da Fação Imperial, que poderiam acenar com laços de sangue, ficaram de fora desta nova ordem.

Desde a declaração da Paz Imperial, a cidade começara a recuperar dos seus ferimentos. As reparações da destruição causada pelo mago bárbaro iniciaram-se com a laboriosa remoção de pedras partidas e madeira rachada. Durante dias uma espiral de fumo ergueu-se nas imediações da arena conforme os mortos foram levados para serem cremados. Histórias de Brancos Imperiais terem enforcado saqueadores e pessoas dedicadas ao mercado negro, que eram em número cada vez maior, puseram fim a ambas as atividades. Foram instalados ancoradouros no rio e utilizadas pequenas embarcações para transportar bens para terra enquanto eram erigidas novas docas nas velhas estacas; as lojas começaram aos poucos a repor a mercadoria. Criados com cangas sobre os ombros e com carretas abriam caminho por entre as pedras derrubadas para fazerem os seus negócios.

Dez dias após a tragédia nos jogos, Mara recebeu informações de Sulan-Qu. Registara-se lá um pequeno afluxo de refugiados e algumas lutas por causa de salvados nas margens do rio, mas os interesses dos Acoma não tinham sido afetados. Nacoya relatara que, a não ser pelas birras de Ayaki, tudo corria tranquilamente na herdade dos Acoma. A pior contenda da Conselheira Principal fora com Keyoke, que tivera de ser dissuadido de enviar metade da guarnição estacionada para resgatar a sua senhora em Kentosani. Eles souberam que ela estava a salvo, escreveu Nacoya, numa missiva enviada pelos agentes de Arakasi. Mara pousou o pergaminho escrito. Lágrimas mancharam-lhe os olhos quando pensou na devoção daqueles que a amavam. Eram insuportáveis as saudades que sentia do filho, e jurou passar mais tempo com ele assim que tivesse a oportunidade.

Soaram passadas rápidas no pátio de entrada. Mara ouviu os seus guardas colocarem-se imediatamente a postos e então apareceu Arakasi, com os olhos fundos e taciturno. Num total desrespeito pelo protocolo, irrompeu pelos aposentos privados de Mara e lançou-se de rosto para baixo sobre a carpete em plena reverência.

— Minha senhora, peço perdão pela minha pressa.

Apanhada num momento de fraqueza, Mara enxugou os olhos. Sabia que deveria sentir-se assustada, mas as coisas estavam a acontecer tão rapidamente que até lhe pareceu que não era consigo.

— Sentai-vos — disse Mara. — Que novidades trazeis?

Arakasi ergueu-se e os seus olhos vasculharam atentamente a divisão. — Onde está o Kevin? Ele deveria ouvir, pois é certo que quereis ouvir a opinião dele.

Mara agitou a mão e o seu mensageiro partiu para a cozinha, onde o midkemiano fora buscar *chocha* quente. Como já vinha a subir as escadas, o escravo bárbaro entrou quase logo de seguida. — Que excitação é esta? — perguntou enquanto pousava a bandeja cheia com uma caçarola e diversas

taças. — Um pouco de *chocha* picante não me parece que seja motivo para quase ser derrubado pelo vosso mensageiro.

Kevin estava de costas para Mara quando se dobrou para encher a primeira taça e não reparara em Arakasi, que por norma procurava o canto mais discreto.

— Primeiro, os bárbaros — começou por dizer o Mestre Espião.

Assustado a ponto de fazer chocalhar a porcelana, Kevin girou para trás. — Vós! — Disfarçou o seu exagero com um sorriso amargo. — O que têm os bárbaros?

Arakasi aclarou a garganta. — O povo do mundo exterior lançou uma enorme e completamente inesperada contraofensiva. Os nossos exércitos em Midkemia foram subjugados e empurrados para o vale onde controlamos a Brecha! Sofremos a maior derrota da guerra!

Por uma vez pleno de sensatez, Kevin suprimiu uma gargalha de prazer. Mas não resistiu a lançar um olhar enfatuado a Arakasi quando entregou à sua senhora a sua *chocha* picante.

— E o que mais? — quis saber Mara, certa de que haveria algo mais, dada a entrada precipitada do seu Mestre Espião.

— Segundo — realçou Arakasi —, o Imperador concordou em encontrar-se com o Rei bárbaro para discutir a paz!

Mara deixou cair a sua taça. — Como? — A exclamação dela foi interrompida pelo estilhaçar da porcelana, e *chocha* fumegante espalhou-se pelo chão.

Kevin ficou petrificado. Mara ignorou a tijoleira ensopada e o borrifo de nódoas que se espalhou lentamente pela orlado da sua túnica. — Paz?

Arakasi prosseguiu, falando rapidamente. — O meu agente no palácio transmitiu isso esta manhã. Antes da derradeira grande ofensiva do Senhor da Guerra, dois agentes da Fação da Roda Azul esgueiraram-se pela Brecha com as tropas de saída. Tratava-se do Kasumi dos Shinzawai e de um escravo bárbaro, e deixaram o acampamento transportando palavras de paz para o Rei bárbaro.

— Por isso o vosso amigo Shinzawai não estava presente nos jogos — realçou Kevin. — Não sabia se iria ser considerado um herói ou um proscrito.

Mara puxou a roupa húmida dos joelhos, mas não chamou as aias para a ajudarem. — Kasumi. É o irmão do Hokanu. — Estreitou os olhos. — Mas a Fação da Roda Azul nunca se lançaria em algo tão arrojado sem...

— Sem a aprovação do Imperador — interrompeu Arakasi. — Essa é a ideia geral. O Ichindar já teria de estar predisposto a discutir a paz antes de mandar qualquer enviado.

Ao refletir no assunto, Mara ficou lívida. — Então foi por essa razão

que o Luz do Céu estava preparado para avançar e governar. — Virou-se para Kevin e falou muito devagar. — A vossa avaliação do nosso Imperador pode ser mais acertada do que aquilo que pensámos, meu amor. O Ichindar intrometeu-se no Grande Jogo, e ninguém sabia. — Sem querer acreditar, abanou a cabeça. — Isto vai contra todas as tradições.

Kevin tirou um guardanapo da bandeja e ajoelhou-se para limpar a *chocha* derramada. — Olhai quem fala. Devo recordar que vergaste uma ou duas tradições a ponto de as retorcerdes irremediavelmente.

Mara objetou. — Mas o Imperador... — O espanto dela deixou claro que colocava o Luz do Céu num pedestal aproximado do de uma divindade.

— Não passa de um homem — salientou Kevin, com a mão que segurava o trapo a pingar apoiada no seu joelho dobrado. — E é jovem. Os jovens tendem a fazer coisas inesperadas e radicais. Mas este, apesar de todo o seu arrojo, passou a vida a ser mimado. Será certamente ingénuo se acha que se pode escapar e ordenar aos vossos senhores tsurani sedentos de poder que embalem as coisas e vão para casa criar rabanetes.

— Senhora, o que quer que sejam «rabanetes», receio que o Kevin tenha razão — comentou Arakasi.

— Há outra mão envolvida nisto — insistiu Mara, não se deixando convencer.

Mara lançou um olhar furioso à sobretúnica empapada e, impacientemente, despiu-a. O delicado tecido acabou no lugar onde Kevin acabara de limpar, mas Mara nem reparou se escaparam alguns coxins de seda. — Se o mago Milamber não tivesse causado a desgraça do Almecho, como é que as coisas se teriam processado?

Se era uma pergunta retórica, não foi difícil perceber onde iria dar. Até Kevin percebera que a Fação da Roda Azul mais uma vez inverteria a sua política e retirar-se-ia da Aliança para a Guerra. Isso teria deixado Almecho apenas com os Minwanabi como principais apoiantes. Com os Acoma e os Xacatecas ocupados a dar trabalho aos Minwanabi, Desio não poderia dar-se ao luxo de se comprometer em aumentar o seu apoio. Almecho e o seu grupo teriam ficado num beco sem saída, após um período de governação quase absoluta.

Kevin torceu com grande impetuosidade o trapo por cima da bandeja de *chocha* e deu voz à única conclusão possível. — Então o vosso Imperador teria ido ao Conselho Supremo anunciar uma proposta de paz e o vosso Senhor da Guerra não teria apoio suficiente para o confrontar. Muito bem pensado. — Kevin concluiu com um assobio de admiração. — O vosso Ichindar é um rapazinho muito sabido.

Arakasi pareceu meditar no assunto. — Mesmo que as coisas tivessem ocorrido como o Kevin supõe, não me parece que o nosso Imperador se

teria arriscado a um confronto aberto com o Senhor da Guerra. A não ser que algum motivo especial o levasse a isso.

Kevin arregalou os olhos. — Os magos!

Mara assentiu com a cabeça. — O Almecho tinha as suas «mascotes», pelo que o Ichindar necessitaria de aliados para os enfrentar. — Dirigiu-se então a Arakasi. — Ide e falai com os vossos agentes. Descobri, se o conseguirdes, quem, entre os Grandiosos, é um provável candidato a ter estado envolvido neste plano. Vede se há quem tenha um relacionamento especial com alguém da Roda Azul, especialmente entre os Shinzawai. Eles parecem estar no centro do turbilhão.

Assim que o Mestre Espião fez a sua vénia e partiu, o olhar de Mara endureceu, como se dispusesse de uma vista privilegiada a partir de uma altura vertiginosa. — Aproximam-se grandes mudanças. Sinto isso como a brisa que traz o *butana* — disse ela, aludindo ao vento seco e cortante que, nas histórias antigas, erguia os espíritos dos demónios e os libertava para que deambulassem pela terra. E então, como se pensar em demónios mitológicos e em conflitos do presente lhe causasse calafrios, reconheceu pesarosamente a sua inépcia. — Mas dificilmente poderemos tomar a iniciativa enquanto estivermos a nadar em poças de *chocha*.

— Isso depende do tipo de iniciativa — rebateu Kevin, que a salvou do desastre tomando-a nos seus braços.

Agitação causada por Milamber originara umas quantas pequenas concessões. Assim que o comércio foi retomado, e a escassez abriu novas oportunidades, Mara foi informada por parte do Senhor dos Keda que tinham sido aceites as suas condições relativas às áreas de armazenamento. A destruição na frente de docas de Kentosani levou a que a oferta dela se tornasse na única opção e haveria uma recompensa para os primeiros carregamentos de cereais a chegar ao mercado na altura das cheias. O Senhor Andero concedera-lhe o voto dos Keda com um mínimo de garantias; sem ser convocado um Conselho Supremo, tal promessa tinha um valor questionável.

Ainda assim, Mara enviou um mensageiro informando que, de qualquer modo, aceitaria. Qualquer promessa valia mais do que nenhuma promessa, e segundo as informações trazidas pelo seu Mestre Espião, os lordes regentes que não estavam ocupados a explorar as vantagens do comércio ficaram desagradados com as maquinações do Imperador. A paz, alegavam eles, era um ato de cobardia, e os deuses não favoreciam as nações fracas.

Depois disso, as informações chegaram em grande volume; Mara passou outra manhã a conferenciar com Arakasi, enquanto Kevin dormitava à sombra de uma árvore no pátio. Só mais tarde soube, quando chegou a

informação por parte de um oficial, que o Luz do Céu partira para a Cidade das Planícies, com o intuito de atravessar a Brecha e negociar a paz com Lyam, Rei das Ilhas.

Kevin levantou-se de um salto ao escutar a referência ao nome midkemiano. — Lyam!

— Rei Lyam — repetiu Mara. Tamborilou os dedos no pergaminho entregue na sua casa da cidade por um mensageiro imperial. — É o que está aqui escrito, pela mão do escriba pessoal do Imperador.

— Mas o Lyam é o filho do Senhor Borric — recordou Kevin, com um olhar de confusão estampado no rosto. — Se ele é o Rei, isso só pode significar que o Rei Rodric, o Príncipe Erland de Krondor e o próprio Borric estão mortos.

— O que sabeis sobre o Rei Lyam? — perguntou Mara, sentando-se ao lado dele.

— Não o conheço bem — admitiu Kevin. — Uma vez brincámos juntos em crianças. Lembro-me dele como um rapaz grande e louro que se ria imenso. Conheci o Senhor Borric uma vez numa reunião de comandantes. — Calou-se, absorto em pensamentos sobre a sua própria terra, até que a curiosidade o incitou a pedir para ler o pergaminho. Aparentemente, o Imperador dos Tsuranuanni não era adepto de viajar sem metade dos nobres do seu Império. Kevin retorceu a boca. Por ordem imperial, a guarda de honra do Luz do Céu consistia nos Chefes de Guerra dos Cinco Grande Clãs e nos filhos mais velhos de metade dos outros senhores de Tsuranuanni.

— Reféns — soltou de pronto o midkemiano. — Os senhores dificilmente desafiarão o édito e causarão problemas graves com os seus herdeiros no terreno integrando o exército do Imperador.

A arena da política de súbito perdeu a cor. Kevin cerrou os olhos e tentou imaginar o jovem de cabelo castanho numa armadura dourada sentado numa mesa em frente ao filho de Lyam, Borric, que também era jovem... e Kevin apercebeu-se, de repente, como uma estocada no coração, de que o tempo não parara. A guerra prosseguira e tinham morrido pessoas na sua ausência. Nem sequer sabia se o seu pai e irmãos mais velhos estariam vivos. Esse pensamento deixou-o atordoado, pois durante anos esquecera-os. Sentado num belo pátio, rodeado por estranhas flores e junto a uma mulher de uma cultura que muitas vezes lhe pareceu incompreensivelmente cruel, Kevin, terceiro filho do Barão de Zun, inspirou profundamente e tentou perceber quem era.

— Mas o que levará o Ichindar a ir lá? — meditou Mara, sem se aperceber do turbilhão que ia dentro dele. — É um grande risco para o nosso Luz do Céu.

O seu ponto de vista puramente tsurani chocou Kevin, que se sentiu indignado. — Achais que o nosso Rei viria até aqui? Depois de os vossos guerreiros terem andado a destruir as terras dele durante nove anos? «Desculpai por vos termos incendiado as vossas povoações, Vossa Majestade. Passai por esta entrada para o nosso mundo!» Raios, não me parece lá muito provável. Recordai-vos, este Rei foi comandante de campo no exército do pai quase desde o início. Sabe quem tem pela frente. A confiança será um bem pouco essencial no Reino das Ilhas até o vosso povo provar que a merece.

Mara reconheceu que Kevin estava coberto de razão. — Na vossa perspectiva, seria levada a pensar que pouca confiança depositais em nós.

A retidão dela enervou-o, essencialmente porque ele esperava uma discussão. Kevin soltou uma gargalha gélida e amarga. — Amo-vos como à minha própria vida, Mara dos Acoma, mas só há um de mim. Milhares dos meus conterrâneos conhecem os Tsurani apenas dos campos de batalhas. O que eles veem são homens que invadiram a terra deles numa conquista sangrenta. Face a tudo isto, será difícil manter a paz.

Enquadrada por uma latada em arco de videiras *akasi*, Mara franziu o sobrolho. — Quereis dizer que será pedido ao Ichindar que abdique das terras conquistadas pelo Senhor da Guerra?

Kevin soltou outra gargalhada. — Vós, Tsurani. Acreditais que todos pensam como vós. Naturalmente que o Rei vai exigir a vossa partida. Sois invasores. Sois de outro mundo. Não pertenceis ao lado midkemiano da Brecha. — Dominado por uma crescente vaga de ironia, Kevin fitou o rosto de Mara. Ela pareceu preocupada, magoada, até, mas principalmente estava preocupada por ele. Aquilo doía. Ela não partilhava do mesmo conceito de crueldade, nunca conseguira perceber o quanto lhe custava implorar para que dessem a Patrick e aos seus companheiros escravos o básico para sobreviverem. Devastado pelo improvável amor que sentia por ela e pelo seu sentido de justiça nato, Kevin levantou-se precipitadamente e partiu.

O problema daquela casa citadina em Kentosani era não dispor de grandes pátios para uma pessoa deambular. Bastaram poucos minutos a Mara para encontrar Kevin, agachado na esteira que lhes servia de leito e a lançar pequenos seixos para a lagoa com peixes que separava o biombo exterior da parede partilhada com o edifício ao lado. Ajoelhou-se atrás dele e abraçou-o pelo peito. Com uma face encostada às costas dele, disse:

— O que vedes na lagoa dos peixes, meu amado?

A resposta de Kevin surgiu carregada de uma sinceridade impiedosa. — Vejo anos de faz de conta. Deixei-me perder no vosso amor, e estou grato por isso, mas ao ouvir falar desta paz iminente...

— Recordastes a guerra — disse ela de pronto, na esperança de que ele falasse.

Quando respondeu, Mara apercebeu-se da amargura por detrás dos leves tremores de raiva que o percorreram. — Sim. Recordei. Recordei os meus conterrâneos, os meus amigos, que morreram a tentar defender as suas casas de exércitos sobre os quais nada sabíamos, guerreiros que apareceram por razões que não conseguimos compreender. Homens que não solicitaram negociações, e que pura e simplesmente apareceram e chacinaram os nossos camponeses, apoderaram-se das nossas povoações e ocuparam as nossas cidades.

»Lembro-me de lutar contra a vossa gente, Mara. Não os encaro como inimigos honrados. Encaro-os como uma escumalha assassina. Odeio-os com todas as forças do meu ser.

Ela sentiu-o a transpirar devido às recordações, mas como Mara não se afastou, Kevin fez um esforço por se acalmar. — No meio de tudo isto, conheci-vos, ao vosso povo. Eu... não posso dizer que acho agradáveis algumas das vossas atitudes. Mas finalmente compreendi algo relativo aos Tsurani. Tendes honra, embora seja uma coisa diferente do nosso próprio sentido de justiça. Também temos a nossa honra, mas acho que não compreendeis isso completamente. E temos coisas em comum, tal como toda a gente tem. Amo o Ayaki como se ele fosse meu.

»Mas ambos somos povos que sofremos, o vosso às mãos dos meus conterrâneos e o nosso às mãos dos vossos.

Mara aplacou-o com o seu toque. — E, no entanto, eu nada mudaria.

Kevin voltou-se dentro do círculo dos braços dela e olhou para baixo para um rosto lavado em lágrimas, algo que era considerado uma fraqueza absoluta na cultura dela. Sentiu-se imediatamente envergonhado. — Se pudessem, não salvaríeis o vosso irmão e o vosso pai?

Mara abanou a cabeça. — Agora não o faria. O mais triste de tudo é saber disso, meu amado. Pois se alterasse os meus sofrimentos do passado, nunca teria o Ayaki ou o amor que partilho convosco. — Por detrás dos olhos dela havia outras constatações sombrias: nunca teria governado e, dessa forma, nunca teria conhecido o viciante fascínio que encontrara no poder do Grande Jogo.

Espantado com aquela sinceridade pura, Kevin sentiu um aperto na garganta. Cingiu ainda mais Mara, permitindo que as lágrimas dela lhe molhassem o ombro através da camisa. Meio atarantado pela emoção, disse:

— Mas por muito que vos ame, Mara dos Acoma...

Ela permitiu que ele a afastasse. O olhar dela prendeu-se no dele quando descobriu naquela expressão a verdade crua que não conseguia mais conter. Sentiu-se assolada por uma vaga de medo e uma mágoa ausente desde o dia em que fora obrigada a envergar o manto dos Acoma. — Dizei-me — atirou ela. — Dizei-me tudo, agora.

Kevin pareceu atormentado. — Ah, senhora, não duvideis que vos amo... e assim será até morrer. Mas nunca me resignarei a ser escravo. Nem mesmo por vós.

Mara não suportou olhar para ele. Naquele momento, pela primeira vez, apercebeu-se da profundidade da dor de Kevin. Desesperada, agarrou-se a ele. — Se os deuses assim o desejassem... deixar-me-íeis? — questionou.

Os braços de Kevin apertaram-se ainda mais em redor dos ombros dela. Segurou-a, como se fosse o único antídoto para a sua dor; no entanto, disse aquilo que não mais poderia ser escondido. — Se eu pudesse ser um homem livre, então ficaria eternamente convosco. Mas, enquanto escravo, farei tudo ao meu alcance para regressar a casa.

Mara não logrou conter-se e desatou a soluçar. — Mas nunca podereis ser livre... aqui.

— Eu sei, eu sei. — Afastou o cabelo húmido da face dela e, com o toque, perdeu também ele a compostura. As suas lágrimas correram tão livremente quanto as dela. Finalmente fora partilhado, e reconhecido por ela, o que carregava bem fundo dentro de si; e apesar de se amarem mútua e desesperadamente, haveria sempre aquela ferida aberta, vasta como um oceano e profunda como um abismo, e tão ampla quanto a brecha entre mundos.

Os acontecimentos na Cidade Sagrada evoluíram em função da iminente conferência de paz. A apenas alguns dias da partida do Imperador, os lordes regentes do Império especularam fervorosamente sobre os termos desde logo acordados; no entanto, nem sequer a rede de Arakasi conseguiu reunir mais do que algumas informações esparsas sobre o assunto. Mara passou longas horas encerrada com os seus escribas, a enviar mensagens para aliados e a tentar confirmar laços. Por vezes, recebeu outros senhores cujas casas da cidade ficavam próximas do centro do burgo e cujo pessoal doméstico fora apanhado na onda de destruição.

Pequenas frustrações e concessões contrabalançaram as maiores. Os artesãos revelaram-se lentos a substituir a sua liteira perdida; com todos os carpinteiros de Kentosani ocupados a reparar traves de telhados, lintéis e caixilhos de portas, nem sequer um aprendiz pôde ser cedido para efetuar o trabalho. Jican regateou sem proveito. Um decreto imperial congelou todos os contratos até os armazéns das docas serem reconstruídos. Mara resignou-se a servir de anfitriã àqueles que desejava ver, até o Senhor Chipino dos Xacatecas saber das limitações dela e enviar uma liteira de oferta.

Ostentava o púrpura e o amarelo dos Xacatecas e estava bastante usada, pois fora utilizada por uma sucessão de filhas de Isashani nas excursões

às compras. Jican remediou a situação vasculhando as caves à procura de tinta, mas continuavam a faltar artesãos para contratar. A tarefa acabou por ser entregue a Tamu, um moço de recados que subira de escalão e passara a mensageiro oficial. Cerca de três dias depois, o jovem Tamu sentou-se a descansar, com as mãos e os braços manchados de verde até aos cotovelos.

Mas, finalmente, a liteira tinha um aspeto aceitável. Mara chamou algumas pessoas para visitas sociais e comparou as suas descobertas com as de Arakasi.

Os lordes regentes de Tsuranuanni apoiavam abertamente a intervenção do Imperador; destacaram os seus filhos mais velhos para integrar a delegação imperial e não quebraram a paz. Mas sob os modos condescendentes, cada senhor manobrava para se impor, e contava inimigos, e estabelecia pactos. Frustrado o desejo de que o Conselho reunisse, os governantes de todas as grandes Casas estabeleceram planos alternativos dissimulados.

Mara prestou particular atenção aos movimentos dos Minwanabi. Tasaio permaneceu exilado nas remotas ilhas a ocidente. Mas Desio conseguiu colocar outro primo, Jeshurado, como subcomandante do exército do antigo Senhor da Guerra, o que proporcionara aos Minwanabi um aliado nas fileiras do Imperador. Desio era um dos cinco Chefes de Guerra que iriam marcar presença no encontro em Midkemia, juntamente com Andero dos Keda, o Senhor dos Xacatecas e o Senhor dos Tonmargu.

Mas o Clã Oaxatucan não nomeara nenhum Chefe de Guerra dos Omechan, devido aos intensos conflitos internos sobre quem deveria ser o sucessor de Almecho. O seu sobrinho mais velho, Axantucar, surpreendentemente mostrou ter fortes apoios por parte de outros membros do clã. Visto que as facções mais poderosas estavam num beco sem saída, e muitas delas reticentes em apoiarem ambos os homens, Decanto e Axantucar foram obrigados a ceder o privilégio a um terceiro primo, Pimaca, para servir de Chefe de Guerra dos Omechan na guarda de honra imperial.

Os esforços de Mara para conhecer o papel desempenhado pelos Grandiosos não resultaram em nada. Mas Arakasi detetou uma relação entre a Assembleia de Magos e a Fação da Roda Azul. Enquanto Mara observava a água a desabar num caudal prateado dos fontanários do jardim do seu pátio, o Mestre Espião abordou essa questão. — Acontece que o Grandioso Fumita foi em tempos o irmão mais novo do Senhor Kamatsu dos Shinzawai, e é o verdadeiro pai do Hokanu.

Mara não disfarçou o seu espanto. Onde e quando quer que fosse descoberto semelhante talento arcano, a Assembleia pegava nesse homem para o treinar e quebrava todos os laços com a família. Crianças foram educadas por parentes como se fossem genuínos, «esquecendo» os seus laços com os verdadeiros pais. — Então o Hokanu é filho adotivo do Kamatsu e na

verdade um sobrinho de sangue. — Desde que a sua mãe jurara servir no Templo de Indiri após a morte do marido, Kamatsu e Kasumi eram a única família que Hokanu conhecera desde os dez anos.

— Sabeis se o Fumita alguma vez visita o seu filho? — perguntou ao seu Mestre Espião.

Arakasi encolheu os ombros. — A casa do Kamatsu está bem guardada. Quem poderá saber?

Reconhecendo que a sobrevivência da sua Casa seria mais bem servida cultivando o interesse de Hokanu, Mara ficou igualmente interessada em arrancar-lhe informações na eventualidade de o compromisso de Fumita com a Assembleia poder ter um ponto fraco: a possibilidade de ele não ter posto completamente de parte as preocupações familiares e de ter influenciado os magos a obterem a ajuda dos Clãs Shinzawai e Kanazawai.

Mas qualquer pensamento por Hokanu levava inapelavelmente à dor cortante relativa a Kevin. Mara suspirou. Num raro momento de abstração, observou as gotas de água a cair repetidamente, e depois, com firmeza, obrigou-se a concentrar-se em preocupações mais imediatas. Caso se deixasse levar pelos problemas pessoais, os Acoma seriam subjugados na movimentação seguinte do Grande Jogo.

O Luz do Céu iria partir rio abaixo dentro de quatro dias. Se fosse bem-sucedido a estabelecer a paz com o Reino das Ilhas, todas as Casas seriam igualmente desfavorecidas. Mas se o Imperador falhasse, teria de ser escolhido um novo Senhor da Guerra. Caso contrário, Ichindar, nonagésimo primeiro Imperador de Tsuranuanni, iria enfrentar uma revolta declarada no Conselho. Já sucedera há séculos, mas um regicídio não era novidade no Império.

Pouco depois, Mara bateu palmas para convocar o seu mensageiro. — Dizei ao Jican que temos de mudar esta tarde os nossos aposentos para o apartamento no Palácio Imperial.

— O vosso desejo será cumprido, senhora. — O escravo, ainda um rapaz, fez uma vénia e saiu disparado para desempenhar a sua missão, como se estivesse feliz por dispor da oportunidade de correr.

Jican acolheu a ordem como um antídoto para a frustração após dias a tentar avaliar estragos. Kevin foi destacado para transportar caixas para o exterior, onde estavam à espera carroças puxadas por *needra*. Nas escadas e no patamar, grades com aves *jiga* estavam encostadas a sacolas de pergaminhos, assim como as arcas da senhora com *centis* e *centuris* de concha. Pelo menos, o número de guerreiros diminuiria. Metade da companhia fora reposicionada numa caserna pública na cidade. Dos restantes, cinquenta iriam servir de escolta para acompanhar a senhora ao longo da cidade, dos quais vinte regressariam para guardar as instalações da casa cidadina.

Isolada do bulício, Mara sentou-se no pátio com uma pena na mão, a escrever mensagens para Keyoke e Nacoya. Para garantir que outras Casas não se imiscuíssem nos seus assuntos, a senhora encarregou Lujan de levar as cartas dela para o mais rápido dos mensageiros das guildas. — Acrescentai esta mensagem verbal ao meu relatório — instruiu ela. — Quero o grosso do nosso exército a postos para marchar a qualquer instante, e o mais próximo de Kentosani que o Keyoke entenda como prudente. Devemos estar preparados para tudo.

Envergando a armadura completa que ele mais gostava de usar no terreno, Lujan pegou nos pergaminhos selados. — Preparamo-nos para a guerra, minha senhora?

— Sempre — respondeu Mara.

Lujan curvou-se e saiu sem gracejar. Mara pousou a pena e esfregou os dedos com cãibras. Inspirou profundamente e por momentos susteve a respiração, para depois exalar lentamente, como lhe fora ensinado no templo. Kevin obrigara-a a ver de outras formas como funcionava o seu povo; compreendeu que a ganância e a ambição se mascaravam com a tradição, e que a honra se tornara justificação para ódios e derramamentos de sangue intermináveis. O jovem Imperador poderia esforçar-se por mudar o seu povo, mas o Grande Jogo não seria abolido de uma penada através de um édito imperial. Não importando o que sentia e não importando o quanto pudesse sentir-se cansada, não importando o quanto pudesse doer, Mara sabia que havia conflitos pela frente. Ser tsurani implicava lutar.

Kevin achara o grande salão impressionante, mas o complexo do Palácio Imperial para lá do local de reunião do Conselho Supremo era ainda mais grandioso. O séquito de Mara entrou por uns portões suficientemente enormes para deixarem passar três carroças puxadas lado a lado. Atrás, havia portas cujo peso requeria uma dúzia de escravos para as fechar com estrondo. A luz do Sol desaparecera, deixando ficar uma obscuridade seca e com cheiro a cera iluminada por globos cho-ja púrpura e azuis suspensos em cordas num teto com a altura de dois pisos. O corredor era enorme, com portas de laje já gastas, e dois níveis de galerias erguiam-se de ambos os lados. Nestas, havia entradas pintadas em cores tumultuosas; cada uma delas dava para um apartamento atribuído a uma família de um membro do Conselho, onde aqueles que estavam mais perto das paredes exteriores pertenciam aos de estatuto mais baixo.

— Em frente — ordenou o Líder de Ataques à guarda de honra, e a sua voz produziu uma corrente de ecos num teto sombrio sob camadas de esmalte e pó.

Kevin marchava a meio da coluna, ao lado da liteira da sua senhora. Excetuando a comitiva acoma, o corredor estava praticamente vazio. Criados com a libré imperial desempenhavam apressadamente uma ou outra tarefa, mas de resto o enorme complexo parecia vazio.

— Onde ficam os aposentos dos Acoma? — questionou Kevin ao escravo carregador mais próximo de si.

O tsurani devolveu-lhe um olhar de repugnância face à língua irreprimível de Kevin, mas, por orgulho, não resistiu a dar resposta. — Não estamos no primeiro corredor, mas sim no sétimo.

Pouco depois, Kevin compreendeu a estranha resposta, quando a guarda de honra dobrou uma esquina e vislumbrou à sua frente uma vasta interseção, para onde confluíam diversos outros corredores. — Por todos os deuses, este lugar é enorme. — Depois, olhou para cima e reparou que aquela secção tinha quatro níveis de galerias, às quais se acedia através de amplas escadarias de pedra que ziguezagueavam entre os patamares. Mas, apesar de toda a grandiosidade, o edifício parecia vazio.

Kevin percebeu então que, ao contrário da área que albergava o Salão do Conselho, aquelas passagens não tinham companhias mistas de guardas ao serviço. — Está tão sossegado.

Mara espreitou pelas cortinas da liteira. — Está toda a gente nas docas, a despedir-se do Imperador e da sua companhia de honra. Foi por isso que nos apressámos a vir aqui, é a melhor forma de entrarmos sem sermos vistos. Não quis arriscar-me a deparar-me com os Guardas Imperiais.

Não tiveram de subir escadas. O complexo dos aposentos dos Acoma era no piso térreo junto a uma ligeira curva e estava identificado por uma porta verde envernizada ostentando o selo da ave *shatra*. O corredor estendia-se desde o gancho por uns cem metros em cada direção, com portadas gigantescas e mais átrios de interseção em cada ponta. Nesta altura, Kevin já deduzira que os aposentos estavam dispostos em semicírculos em volta da cúpula central que albergava o Salão do Conselho Supremo. Instalados em blocos, outros cerca de trezentos pequenos complexos transformavam aquela secção do palácio numa coelheira de corredores e passagens. Dois enormes complexos de aposentos ficavam adjacentes ao de Mara e em frente situava-se a residência da Casa dos Washota, cujas portas verdes e azuis estavam firmemente encerradas. Para lá da curva, as entradas tinham decorações ainda mais majestosas, desde arcos abobadados ensombrados por tapeçarias de seda de vinte metros a escadas atapetadas e urnas a abarrotar de flores. Aqueles eram os aposentos das Cinco Grandes Famílias, com os complexos das galerias mais pequenas acima reservados a convidados e vassalos. A distribuição do espaço era feita respeitando a hierarquia, mas o espaço das casernas não variava. Todos os senhores do Império podiam

habitar o Palácio Imperial com uma comitiva que não poderia ultrapassar os doze elementos.

No entanto, Mara levava uma trintena de guerreiros acoma para o recinto do palácio. Embora tecnicamente tivesse transgredido uma regra para o fazer, não havia patrulhas a circular pelos corredores. Em tempos de instabilidade, estava bem ciente de que outros senhores fariam o mesmo, ou levariam ainda mais soldados se tivessem condições para tal.

Com uma ligeira batida de Kenji, a porta verde abriu-se. Lá dentro, dois guardas curvaram-se perante a sua senhora e abriram alas para que o séquito entrasse.

Jican também fez uma vénia quando a liteira dela foi pousada no pequeno vestíbulo. — A zona está segura, senhora — disse o *hadonra*, e, junto a si, Lujan assentiu ligeiramente na direção de Mara.

E então o resto dos guerreiros amontoou-se para transpor a porta exterior, mal deixando espaço a Kevin para ajudar a sua senhora a levantar-se da liteira. Comparado com os padrões da casa cidadina, o aposento pareceu espartano. O chão de madeira pouco mais tinha do que velhas carpetes e coxins de fio trançado e uma ou outra lanterna a óleo. E então Kevin percebeu: o mobiliário mais pesado fora movido para tapar todas as janelas e portas. O aposento tinha três divisões e os quartos interiores davam para um pequeno pátio num terraço. Mas naquele dia, a paixão que os Tsurani nutriam por correntes de ar e portas abertas tinha sido sacrificada em prol da segurança. Diversos biombos tinham sido completamente encerrados, pregados e tapados por pesadas barricadas de madeira.

— Estão à espera de um ataque? — perguntou Kevin a ninguém em particular.

— Sempre — respondeu Mara. Ela pareceu triste ao passar revista aos procedimentos dos seus guerreiros para garantir a segurança dos aposentos da sua família. — Podemos não ser a única Casa a perceber que esta é a altura ideal para entrar sem chamar as atenções. Os Brancos Imperiais estarão sempre de serviço no complexo da Família Imperial, mas, sem os guardas sancionados pelo Conselho, esta área é agora uma terra de ninguém. Percorremos estes corredores e confluências por nossa conta e risco.

Enquanto os transportadores iniciavam a tarefa de empilhar as caixas de transporte de Mara contra um biombo exterior, Arakasi apareceu com o rosto completamente transpirado. Usava a tanga e as sandálias de um mensageiro e tinha o cabelo atado atrás da cabeça com uma fita demasiado suja para que alguém pudesse determinar a sua cor.

Mara desfez-se da sua túnica de viagem, com um olhar inquiridor no rosto. — Pareceis um mensageiro de um mercador.

Arakasi replicou, com os olhos iluminados por um acesso de boa disposição. — Mensageiros com cores de Casas estão a ser mandados parar por toda a gente.

Essas palavras arrancaram uma pequena gargalhada a Mara, que se deiteu ao ver o olhar perplexo de Kevin. — Os mensageiros dos mercadores muitas vezes usam as cores das Casas, para desencorajar os diabretes das ruas de lhes atirarem pedras. Mas hoje em dia um mensageiro com as cores da Casa corre o risco de ser raptado para lhe extraírem informações. Uma vez que hematomas provocados por pedradas são preferíveis à tortura, os papéis inverteram-se. — Ela dirigiu-se então a Arakasi. — Quais as novidades?

— Estranhos bandos de homens movem-se ao abrigo das sombras. Ocultam as suas armaduras sob capas e não ostentam símbolos de Casas. Os criados imperiais afastam-se o mais que podem deles.

— Assassinos? — questionou Mara, e fixou o olhar no seu Mestre Espião quando um criado pegou na túnica que lhe deslizou dos dedos.

Arakasi encolheu os ombros. — Podem sê-lo, ou o exército de algum senhor a entrar furtivamente na cidade. Também podem ser agentes do Imperador enviados sob disfarce para ver quem tenta violar a paz. Alguém bem colocado deixou escapar informações que causaram burburinho.

Mara afundou-se num coxim ali perto e com um gesto autorizou a que se retirassem.

Mas Arakasi declinou. — Não vou ficar, só pretendo acrescentar que parece que algumas das exigências feitas pelo Rei ao Imperador são... bastante estranhas.

Isto espicçou o interesse de Kevin. — O que quereis dizer?

— Ressarcimentos. — O Mestre Espião explicou em termos vagos. — O Lyam exige algo na ordem de cem milhões de *centis* para compensar os estragos causados à sua nação.

Mara pôs-se muito direita sobre os seuscoxins. — Impossível!

Kevin fez os cálculos e percebeu que o soberano de Midkemia estava a ser generoso. Em termos do Reino, Lyam estava a pedir algo aproximado a trezentos mil soberanos de ouro, o que mal daria para suportar o custo de manter os Exércitos do Ocidente no terreno por nove anos. — Isso é metade do que ele deveria pedir.

— Não é a quantia que está em questão, mas o conceito de pagar pelos estragos — disse Mara, bastante frustrada. — O Ichindar não o pode fazer e manter a honra. Envergonharia Tsuranuanni perante os deuses!

— E foi por isso que o Luz do Céu recusou — atalhou Arakasi. — Em vez disso, leva uma «oferenda» de pedras preciosas raras ao jovem Rei, cujo valor se deve aproximar dos cem milhões de *centis*.

Grata pelo engenho do Imperador, Mara sorriu. — Nem sequer o Conselho Supremo pode negar-lhe o direito de fazer uma oferta a outro monarca.

— Há outra coisa. — Os olhos negros de Arakasi incidiram declaradamente em Kevin. — O Lyam deseja uma troca de prisioneiros.

Isto provocou uma estranha troca de olhares, carregada de emoção, entre o escravo bárbaro e a sua senhora. Num tom estranhamente relutante, Mara voltou-se para Arakasi. — Compreendo o que ele exige, mas o Ichindar compreenderá?

Arakasi reagiu com o generoso encolher de ombros tsurani. — Quem o poderá dizer? Dar escravos ao Rei das Ilhas não é problemático. O Lyam pode fazer o que bem lhe apetecer com eles. Indo ao que interessa, o que faria o Imperador com os nossos prisioneiros de guerra regressados? — Deu-se um momento de silêncio, pois era verdade que em Tsuranuanni a honra e a liberdade de tais homens nunca poderia ser restaurada.

Sentindo-se subitamente cansada, Mara pousou o olhar sobre os pés. As nódoas negras acumuladas durante a fuga da arena já quase tinham desaparecido, mas as chagas emocionais entre Kevin e ela em relação a assuntos de escravatura e liberdade ainda doíam. — Ouvistes alguma coisa sobre os Minwanabi?

Como se tivesse sido ele a incitar a mudança de assunto, Arakasi comprimiu os lábios. — Prepararam mais de três mil soldados para combater.

Alarmada, Mara olhou para cima. — Dirigem-se à Cidade Sagrada?

— Não. — Mas o Mestre Espião tinha poucas garantias para dar. — Meramente preparam-se nas terras minwanabi.

Mara estreitou os olhos. — Porquê?

Mas foi Lujan a responder, e com amargura, desde a entrada, onde se detivera depois de destacar os seus guerreiros para montarem guarda em todas as janelas e portas. — O Desio teme, com razões para isso, a Paz Imperial, minha senhora. Caso abandoneis o conflito com os Minwanabi, renunciáis apenas a um compromisso face a uma rixa sangrenta. Alguns podem considerar que a honra dos Acoma é posta em causa, mas quem vos censuraria por obedecerdes ao Luz do Céu? Mas se o Imperador impuser a paz entre Casas desavindas, o Desio não cumpre o seu juramento de sangue a Turakamu. Tem de nos destruir antes que o poder do Imperador se torne demasiado grande para desafiar, ou irá ofender o Deus da Morte.

Kevin tomou a liberdade de pedir a um criado que trouxesse uma bebida fresca para a sua senhora. Percebeu que ela estava a tentar conter-se quando lançou uma pergunta. — O Desio arriscar-se-ia a atacar o Imperador?

Arakasi abanou a cabeça. — Abertamente, não, mas se o Conselho Supremo encontrasse razões para se unir contra a vontade do Ichindar, o Desio teria o maior exército a pouca distância da Cidade Sagrada. É uma combinação perigosa.

Mara mordeu o lábio. Com o Clã Omechan dividido entre Decanto e Axantucar, o perigo era evidente: Desio tornar-se-ia o novo Senhor da Guerra se uma facção suficientemente grande do Conselho Supremo decidisse recorrer à força para desafiar o édito imperial.

Kevin acrescentou uma observação incômoda à sua reflexão. — Três mil espadas minwanabi no exterior do Salão do Conselho poderiam constituir um argumento persuasivo, mesmo se o Desio não tiver uma maioria clara.

Esgotada por algo mais do que cansaço, Mara encarou a bebida trazida pelo criado como se contivesse veneno mortal. Depois, afastou os pensamentos sombrios. — A reunião de tréguas do outro lado da Brecha não terá lugar nos três próximos dias. Até o Ichindar e o Lyam não encetarem negociações, tudo não passa de especulação. Agora que estamos a salvo dentro do palácio, vamos aproveitar este período de acalmia.

Arakasi curvou-se mais do que era habitual e partiu, como um fantasma. Mara ficou a olhar para a entrada por uns bons minutos depois de ele ter partido e despertou apenas quando Kevin se colocou ao lado dela e a abraçou. A tremer, temendo dar voz ao desconforto que sentia, Mara concluiu o seu pensamento. — Penso que é um fardo demasiado pesado a recair sobre os ombros de um jovem, e apesar de os deuses poderem favorecer o nosso Luz do Céu, também lhe podem virar as costas.

Kevin depositou um beijo no cimo da cabeça dela. Ele não tinha ilusões. Tal como ela, compreendia que o melhor que podiam esperar era que Arakasi conseguisse lançar um aviso de última hora quando se desse um ataque inimigo.

Durante três dias, o Império pareceu suster a respiração. No exterior do palácio, a Cidade Sagrada esforçou-se por retomar a normalidade, quando os trabalhadores concluíram as reparações na última das docas danificadas e os pedreiros levaram alvenaria da arena para reparar os portões do Palácio Imperial. Pescadores partiram antes do alvorecer para lançar as redes nas correntes do rio Gagajin e os camponeses encaminharam as colheitas do fim da estação em carroças a transbordar, ou transportaram-nas em barcas. O incenso do templo e flores impuseram o seu aroma sobre o odor dos corpos cremados e vendedores instalaram bancas ao ar livre dentro das paredes sem teto das suas lojas. Mais uma vez, as suas cantorias anunciavam os artigos aos transeuntes.

No entanto, todos estes sons e sinais de dinamismo continham uma efemeridade pouco real, mesmo para os pobres e pedintes que ficavam mais longe do centro de poder. Os rumores não se deixavam limitar pelas hierarquias sociais. E tal como as tábuas despedaçadas ainda amontoadas como ossos entre os tecidos das paredes improvisadas, contracorrentes inquietantes minavam a normalidade da cidade. O Imperador dos Tsuranuanni estava noutra mundo e Iskisou, o Deus da Astúcia e do Acaso, mantinha o equilíbrio — não somente a paz dos dois povos, como a estabilidade de uma nação antiga: tudo articulado no encontro das mentes de dois jovens governantes de duas culturas tremendamente diferentes.

Privada do conforto do seu pátio e das suas fontes, Mara passou as horas no interior do pequeno quarto de que dispunha no centro do aposento. Com soldados aquartelados nos aposentos do outro lado, e guardas em cada porta e janela, analisou as anotações e as mensagens e manteve um contacto cauteloso com outros senhores. Arakasi apareceu quase de hora a hora, disfarçado de vendedor de pássaros, mensageiro e até de sacerdote mendicante. Não dormiu, e trabalhou incansavelmente entre curtas sestras, recorrendo a todas as ferramentas ao seu dispor para descobrir até à mais ténue parcela de informação que pudesse ser útil.

Num quarto anexo, Lujan efetuava exercícios com os seus soldados, um de cada vez. A espera espicou os nervos de toda a gente, principalmente dos guerreiros, dado que nada mais lhes restava fazer do que suportar horas intermináveis e indolentes de atalaia. Diversas outras companhias acoma infiltraram-se na cidade e à força de um planeamento inteligente e do recurso à carroça de um mercador de tapetes, foram enfiados mais guerreiros no recinto imperial. A guarnição dos aposentos de Mara ascendeu aos cinquenta e dois elementos e Jican reclamou. Os seus ajudantes não conseguiam limpar as peças de barro sem embater em bainhas de espadas e Lujan iria ter de colocar os seus soldados a dormir sobre os tapetes, lado a lado e em grupos de quatro, se se continuasse a reunir mais tropas. Mas não era provável que a quantidade de guerreiros se dilatasse para lá dos que já tinham, tanto no que tocava aos Acoma como aos de outras Casas. Os Guardas Imperiais repararam no influxo de soldados para o palácio e estavam agora a inspecionar todas as carroças e criados que entravam para limitar a presença de potenciais combatentes.

Passos de corrida ecoaram pelo corredor mais afastado. O bater das sandálias do mensageiro atravessou as paredes, um contraponto fantasmagórico e sussurrado aos estampidos e estalidos dos duelos de espadas entre os espadachins de Lujan em treino. Mara, na secretária posicionada no meio do quarto, apercebeu-se do som. Endireitou-se e olhou precipitadamente para Kevin. — Aconteceu alguma coisa.

O midkemiano não lhe perguntou como sabia ou por que razão aquele conjunto de passos apressados deveria ser diferente do de qualquer mensageiro de entre a dúzia deles que passara pelos aposentos na última hora. Aborrecido por estar fechado, e com as intermináveis e lentas horas que se arrastavam entre cada relatório de Arakasi, Kevin fez uma vénia ao guerreiro que desafiara para jogar dados e atravessou a divisão para se sentar junto da sua senhora. — O que há para fazer? — murmurou.

Mara fitou o tinteiro e o pergaminho pousados na mesinha que tinha no colo. A pena nas suas mãos estava seca e a carta em branco, a não ser pelo nome de Hokanu dos Shinzawai escrito no topo com letras bem desenhadas. — Nada — respondeu ela. — Nada mais há a fazer que não seja esperar.

Ela pousou a pena e, para manter as mãos ocupadas, pegou no timbre dos Acoma. Não comentou, e Kevin não a lembrou, que Arakasi estava atrasado. Prometera aparecer pela manhã e pela faixa branca de luz do Sol que brilhava por entre os biombos barricados, o meio-dia já viera e já se fora.

Decorreram longos minutos, preenchidos com as passadas de mais mensageiros e com os tons excitados de alguém a falar com aflição num aposento diversas portas mais abaixo. O estuque fino e as divisórias de ripas entre as casas não eram impermeáveis ao som. Enquanto Mara fazia de conta que tentava concentrar-se nas palavras da sua mensagem, Kevin tocou-lhe no ombro e depois esgueirou-se até à cozinha para preparar *chocha* quente.

Quando regressou, a senhora pouco mais fizera do que mergulhar a pena no tinteiro. A tinta instalara-se no bico. Arakasi não regressara. Quando Kevin pousou a bandeja por cima do pergaminho, Mara não protestou. Aceitou a taça cheia que ele lhe passou, mas a *chocha* arrefeceu sem ser provada. Nessa altura, ela já não estava a conseguir disfarçar o seu nervosismo e sobressaltava-se com o mais leve dos sons. Ouviram-se mais passos, todos em correria.

— Não achais que anda alguém a organizar corridas e a apostar para passar o tempo? — sugeriu Kevin, tentando fazer humor.

Lujan assomou à porta, encharcado em suor devido aos treinos, e ainda com a espada desembainhada na mão. — Os homens das corridas não usam sandálias de combate tachonadas — comentou secamente. A seguir, olhou para Mara, que estava sentada como uma estatueta numa loja de porcelanas, quase sem pinga de cor no rosto. — Minha senhora, se assim o desejardes, posso ir lá fora procurar um traficante de rumores.

Mara ficou ainda mais pálida. — Não — disse num tom cortante. — A vossa vida é demasiado valiosa para que se possa arriscar. — A seguir franziu o cenho enquanto ponderava se deveria reduzir em duas a sua guarni-

ção e enviar um par de guerreiros para tratar do assunto. Arakasi estava três horas atrasado e ater-se escusadamente a falsas esperanças era um convite a correr um risco ainda maior.

Ouviu-se algo a raspar no biombo exterior. Lujan deu a volta, com a espada apontada à barricada e todos os outros guardas acoma na sala voltaram-se repentinamente, prontos a entrar em ação.

Mas a raspadela foi seguida por um murmúrio que impeliu Mara a gritar: — Graças aos deuses!

Rápida e cautelosamente, os guerreiros baixaram a mesa de colo de madeira, entalada com três pesadas arcas, e abriram o biombo. Arakasi entrou, um vulto negro em contraste com a luz do dia. Por momentos, um ar fresco com um doce aroma a flores redemoinhou pelo aposento trancado. Depois, Kenji fechou o biombo e encaixou as cavilhas de madeira que o trancavam e as arcas e a mesa de colo foram recolocadas de pronto.

Na escuridão que se abatia sobre a sala, Arakasi deu cinco passos seguros na direção dos coxins onde Mara estava instalada. Lançou-se aos pés dela. — Minha senhora, perdoai o meu atraso.

Ao aperceber-se do tom de voz dele, uma mistura de descrença e raiva disfarçada, desvaneceu-se a breve alegria de Mara pelo seu retorno. — O que se passa?

— Tudo — disse o Mestre Espião sem delongas. — Uma vaga louca de rumores varre o palácio. Houve problemas no mundo bárbaro.

Mara soltou a sua pena de escrever antes que a tensão a levasse a parti-la. Mas conseguiu manter a voz firme. — O Imperador?

— Está a salvo, mas pouco mais se sabe. — A voz de Arakasi tornou-se mais enérgica devido à tensão. — Os bárbaros não foram honrados. Entoaram hinos de paz enquanto conspiravam um assassinio. Na conferência, apesar de todas as promessas, atacaram de repente e quase mataram o Imperador.

Mara ficou muda de espanto e Kevin praguejou, apanhado de surpresa. — O quê?

Arakasi sentou-se apoiado nos tornozelos, esquecendo os modos. — Durante a conferência, formou-se lá perto uma grande companhia daqueles aos quais chamais anões e elfos e quando o Luz do Céu se apresentou mais vulnerável, atacaram.

Kevin abanou a cabeça em negação. — Não posso crer.

Arakasi estreitou os olhos. — É verdade. Foi apenas graças à coragem dos seus oficiais e dos Chefes de Guerra das Cinco Famílias que o Luz do Céu sobreviveu a esta traição no vosso mundo. Dois soldados transportaram-no através da Brecha, que foi encerrada definitivamente, enclausurando quatro mil soldados tsurani no mundo midkemiano.

A desorientação de Mara transformou-se numa atenção arrebatada. Expirou brevemente. — Minwanabi?

— Morto — atirou Arakasi. — Figurou entre os primeiros a cair. O seu primo Jeshurado tombou ao seu lado.

— E os outros Chefes de Guerra?

— Foram-se. Mortos ou não, ninguém sabe dizer, mas a Brecha já não existe. Toda a guarda de honra do Senhor da Guerra permanece encurralada no mundo bárbaro.

Mara não conseguiu abarcar a enormidade do que tinha pela frente. — Xacatecas?

A lista não se detinha, inexoravelmente. — Foi-se. O Senhor Chipino foi visto pela última vez a combater cavaleiros do Reino.

— Todos eles? — sussurrou Mara.

— Nem um punhado terá regressado — informou, pesaroso, Arakasi. — Os dois soldados que carregaram o Luz do Céu e uma meia dúzia que estava incumbida de orientar os soldados à espera no nosso lado da Brecha. O Comandante das Forças Armadas Imperial foi morto. O Senhor dos Keda ficou tombado no chão a sangrar. O Senhor dos Tonmargu nunca mais foi avistado. O Pimaca dos Oaxatucan também foi dado como desaparecido. Kasumi dos Shinzawai foi aquele que obrigou o Imperador a partir, mas ele próprio não transpôs a Brecha. — Arakasi viu-se obrigado a recuperar o fôlego. — O mensageiro que chegou à cidade nada mais sabia do que isto, minha senhora. Calculo que, nesta altura, nem mesmo os envolvidos, nada mais poderiam fazer do que lançar suposições quanto ao ocorrido. As perdas são demasiado extensivas e o choque face ao sucedido ainda está muito fresco. Depois de o Imperador assumir o comando, poderemos ter uma ideia mais correta do que se passou.

Depois de se manter em silêncio por um bom minuto, Mara ergueu-se de um salto. — Arakasi, tendes de sair e elaborar uma lista precisa com as baixas e os sobreviventes. Depressa.

A premência dela não deixou margem para uma recusa. De uma só penada, o Império perdera os seus mais poderosos velhos senhores e os herdeiros de muitas Casas importantes. Os efeitos seriam demasiado grandes para se poderem antecipar — Casas de luto, tropas perdidas e jovens e imaturos segundos filhos e filhas lançados de repente para a governação. A repercussão de tal turbilhão seria um choque absoluto. Mas Mara sabia que os ambiciosos iriam transformar muito rapidamente esse turbilhão numa devastadora e sangrenta corrida ao poder. Sabia o que era ter autoridade e responsabilidade de repente nas mãos de alguém que não estivesse preparado para tal.

Saber quem estava nessa situação difícil e quem estava ainda vivo para

governar com experiência poderia revelar-se uma vantagem significativa nos dias vindouros.

Assim que Arakasi se curvou e saiu apressadamente, Mara despiu a túnica larga e chamou a sua aia para que trouxesse vestes formais. Kevin despachou-se a ajudá-la a despir-se enquanto ela distribuía ordens rapidamente. — Lujan, preparai uma guarda de honra. Partimos de imediato para o Salão do Conselho.

Apanhado com as mãos cheias de alfinetes quando a aia começou a tratar do cabelo de Mara, Kevin perguntou:

— Devo acompanhar-vos?

Mara abanou a cabeça e depois destruiu todos os esforços da aia ao inclinar-se para a frente para o beijar rapidamente. — Uma pessoa da vossa nação não será bem recebida hoje no Conselho, Kevin. Pela vossa segurança, por favor mantende-vos discreto.

Envergonhado com o facto de os seus conterrâneos terem faltado à palavra, Kevin nem discutiu. Mas, pouco depois, quando trinta guerreiros acoma marcharam em passo acertado e desapareceram para lá da confluência mais distante, pensou como iria aguentar a espera. Pois na verdade a Senhora dos Acoma não ia dirigir-se a um Conselho, mas sim a um assustador e completo caos onde o mais forte seria o mais lesto a apoderar-se do poder.

O facto de Desio ter morrido não implicava menos um inimigo a morder-lhe os calcanhares, antes promovia um inimigo mais capacitado. Tasaio governava agora os Minwanabi.



CONSELHO CINZENTO

O salão ficou a abarrotar. Apesar de não ter havido uma convocatória oficial, quando Mara e os seus guerreiros chegaram à grande câmara, já lá estavam muitos senhores. Talvez estivesse ocupado um quarto dos assentos, e chegava gente a cada minuto que passava.

Não foi a falta de guardas do Conselho que desencorajou a presença dos governantes; cada um dos senhores tinha à mão entre uma dúzia a cinquenta homens armados. Nenhum arauto imperial anunciou o nome de Mara quando ela entrou pelos amplos portais e desceu a escadaria. Aquela reunião informal tinha uma total ausência de pompa e circunstância; os governantes das Casas entraram pela ordem em que apareceram, e puseram-se de parte todas as preocupações relativas a hierarquia.

Nem sequer qualquer Casa em particular se assumiu como porta-voz. Diversos senhores conferenciavam junto ao estrado do dossel onde por norma se sentava o Senhor da Guerra ou, na sua ausência, um Primeiro Orador do Conselho designado. Com Almecho morto, e todos os Chefes de Guerra de Clã igualmente eliminados ou desaparecidos, nenhuma Casa tinha uma supremacia declarada. Mas, mais cedo ou mais tarde, algum senhor poderia tentar deitar a mão ao poder ou pelo menos intervir para estorvar o avanço de um rival. Esses senhores já presentes estavam reunidos em grupos muito cerrados, onde todos segredavam entre si, mais ou menos divididos por fações. Fitavam todos os recém-chegados com desconfiança e mantinham os guerreiros por perto — ninguém desejava ser o primeiro a desembainhar a espada no Conselho, mas toda a gente estava mais do que preparada para ser o segundo. Mara vasculhou rapidamente o espaço à procura de cores de Casas conhecidas ou familiares. O vermelho e o amarelo dos Anasati destacava-se nitidamente entre um aglomerado de nobres mais antigos que conferenciavam numa ala entre os lugares mais baixos e o dossel. Mara reconheceu o antigo sogro. Despachou-se a dirigir-se a ele, levando Lujan e dois guerreiros para a proteger.

Ao aperceber-se da aproximação de Mara, Tecuma dos Anasati virou-se e fez uma ligeira vénia. Envergava armadura, mas o cabelo que se conseguia ver por debaixo do elmo era agora mais branco do que grisalho. O seu rosto, sempre magro, parecia agora sugado até ao osso e tinha os olhos ainda mais ensombrados.

Em reconhecimento de uma força superior, Mara retribuiu a vénia. — Como passais, avô do meu filho? — indagou ela.

Tecuma pareceu conseguir ler-lhe o pensamento. — Estou bem, mãe do meu neto — respondeu. Cerrou os lábios ao olhar de soslaio para os grupos desorganizados de oradores no salão. — Que o Império estivesse assim tão bem.

— E o Imperador? — perguntou Mara, ansiosa por saber novidades.

— O Luz do Céu, segundo todos os relatos, está a descansar na sua tenda de comando na planície junto ao portal da Brecha. — Tecuma manteve um tom duro. — Quando o Ichindar recuperar da sua incapacidade, já fez saber aos seus oficiais que pretende regressar ao Reino das Ilhas para lançar uma nova invasão. No entanto, o nosso desejo de castigar aqueles bárbaros pela traição pode sair frustrado. Os Grandiosos podem manipular uma brecha, mas não controlam todas as suas vertentes. É duvidoso que esta brecha para Midkemia possa ser restabelecida.

Mais uma vez, o Senhor dos Anasati observou os governantes que se reuniam no grande salão, desafiando as ordens do Imperador. — Entretanto — prosseguiu, sem suavizar o tom —, o Jogo continua.

Mara verificou quais os superiores presentes. — Quem irá falar em nome dos Ionani? — indagou.

Tecuma respondeu ciente do seu poder e de ser titular de um nome que figurava entre os mais antigos do Império. — Até o Clã Ionani se reunir para eleger um novo Chefe de Guerra, serei o porta-voz deles. — Apontou abruptamente para o outro lado do salão. — Ali está reunido o Clã Hadama, minha senhora. Sugiro que vos apresseis e anuncieis a vossa presença.

— Senhor Tecuma...

O ancião interrompeu-a levantando a mão. — Mara, estou a sofrer, por isso perdoai a minha rudeza. — Os seus modos tornaram-se nitidamente mais forçados. — O Halesko foi um dos que ficou encurralado no mundo alienígena... e segundo todas as informações, morreu cravado por uma lança. É o segundo filho que perco. Não tenho tempo para a mulher que me tirou o primeiro.

Mara sentiu um aperto na garganta. Fez uma grande vénia para demonstrar a sua compaixão. — As minhas desculpas, Tecuma. Faltou-me sensatez ao não me aperceber da situação.

O Senhor dos Anasati abanou ligeiramente a cabeça no que poderia ser interpretado como um gesto de descrença dissimulada ou de dor. — Muitos de nós estão de luto, Mara. Muitos irmãos, filhos e pais foram encurralados no mundo alienígena. A perda é um golpe na nossa honra e nos nossos corações. Agora, se me dais permissão.

Sem esperar por uma resposta, virou costas à sua antiga nora e retomou a conversa que ela interrompera.

Deixada de fora do círculo dele, e considerando que foi lançado um olhar hostil por parte do membro da Fação da Flor Amarela, interrompido quando ela se dirigira a Tecuma, Mara avançou em redor do dossel na direção do primeiro lanço de escadas, onde os chefes do Clã Hadama estavam reunidos. Vários cumprimentaram-na com vénias respeitosas quando Mara se aproximou, enquanto outros lhe acenaram mecanicamente com a cabeça. Um ou dois, juntamente com um ancião entevado sentado numa cadeira, não deram qualquer sinal de a pretender saudar. — Quantas baixas sofremos? — questionou Mara, pretendendo avaliar os estragos.

O Senhor dos Sutanta, um homem alto com uma túnica azul-escura que ostentava um rebordo azul-claro, dirigiu-lhe uma vénia superficial. — O Senhor dos Chekowara e os seus quarenta guerreiros estão a caminho da Cidade das Planícies. O Senhor dos Cozinchach e dois vassalos permanecem com o Imperador. As perdas dos Hadama foram ligeiras, dado que os clãs mais pequenos não foram destacados para a primeira linha nesta traição. A maioria dos nossos governantes regressou a Kentosani esta semana.

— Quem convocou este Conselho? — quis saber Mara.

As feições enrugadas do Senhor dos Sutanta permaneceram cautelosamente inexpressivas. — Quem vos chamou aqui?

Mara também se mostrou prudente. — Limitei-me a vir.

Com um aceno de mão, o Senhor dos Sutanta apontou para o espaço que continuava a encher-se de gente. — Ninguém aqui falará contra a vontade do Luz do Céu. — Fixou os seus olhos astutos em Mara. — Além disso, ninguém aqui veria o seu primogénito ser apanhado numa traição e permaneceria descontraidamente em casa.

Mara anuiu com a cabeça e interiormente inferiu as coisas que ficaram por dizer. A desobediência ao jogo de poder de Ichindar estava a ser polidamente reconhecida. Mas no Grande Jogo, a cortesia muitas vezes disfarçava o crime. O Conselho Supremo de Tsuranuanni pretendia fazer ouvir a sua voz. Não haveria hoje uma reunião formal; estavam ausentes demasiados senhores. Nenhum senhor daria um passo até se saber quais os inimigos e aliados que permaneciam vivos. O dia de hoje seria destinado a avaliar os danos e amanhã lançar-se-iam a jogo, agarrando as oportunidades para se sobreporem a rivais em virtude das aberturas proporcionadas pelo acaso. E apesar de este Conselho não ser autorizado, a reunião nem por isso deixava de ser mais uma ronda do Grande Jogo, pois tanto quanto um guerreiro cinzento poderia matar facilmente um outro que tivesse prestado juramento às cores de uma Casa, também este Conselho cinzento era tão mortífero quanto um com sanção imperial.

Mara passou uns momentos a refletir. As perspectivas para os Acoma não eram tranquilizadoras. Os Minwanabi tinham perdido uns quantos oponentes e conquistado um novo senhor que poderia recorrer em toda a força a todos os seus recursos, especialmente ao poderio militar. As possibilidades não favoreciam o Senhor dos Xacatecas. Enquanto Chefe de Guerra de Clã, o Senhor Chipino teria estado na fila da frente do Imperador; o seu filho mais velho, Dezilo, teria representado os Xacatecas como terceiro das Cinco Grandes Famílias. Ambos haviam perecido, o que deixou a Senhora Isashani e uma prole de filhos e filhas, o mais velho dos quais era jovem e inexperiente para envergar o manto de senhor — o mais forte aliado de Mara estava agora perigosamente enfraquecido. Demasiado dependente do débil laço de sangue de Ayaki com os Anasati para usufruir de alguma proteção, Mara sentiu uma espécie de brisa fria a soprar-lhe nas costas despidas.

Em redor dela, parecendo *jagunas* a farejar cadáveres antes de decidirem que parte irão tentar abocanhar, os governantes de Tsuranuanni reuniram com os membros dos seus clãs e depois dividiram-se para conversar com os seus aliados e fações, por norma alinhados em grupos.

Os Acoma integravam tecnicamente um grupo político menor, o Olho de Jade, mas a ligação tinha esmorecido desde os tempos de governação do Senhor Sezu. Mara pouca importância dera à política das fações, ocupada como estivera a impedir que a sua Casa fosse dizimada. Mas com todo o Império agora em plena convulsão, nenhum laço poderia ser ignorado, por mais débil que fosse.

Mara passou pelo Senhor dos Inrodaka, e pelo anafado segundo filho do Senhor dos Ekamchi, e por um primo do Senhor dos Kehotara, que conferenciavam entre eles e lhe lançaram olhares gélidos. Encontrando dois outros membros da Fação do Olho de Jade para lá deles, Mara aproximou-se e entabulou uma conversa que recaiu sobre condolências. Os mortos e os que foram deixados para trás do outro lado da Brecha pareciam assombrar com a sua ausência os presentes. Contudo, a vida em Tsuranuanni não se refugiava em perdas. Por todo o salão, elementos do Conselho Supremo exploraram enredos secundários por detrás de fachadas de conversas educadas e entretanto iam alinhando, mais uma vez, no Grande Jogo.

Relâmpagos cortaram o céu, fazendo refletir um branco-prateado na grande casa dos Minwanabi. Sentado à sua secretária de colo, de pena na mão, com tinta fresca junto ao cotovelo, Incomo passou em revista os documentos dispostos à sua frente, ignorando o ruído da chuva que caía no exterior. Nunca fora de raciocínio rápido e agora estava em choque, embrenhado em descrença. Os eventos em volta da traição ao Imperador ainda se lhe

afiguravam como um rescaldo tormentoso de um pesadelo. Não havia dúvidas de que Desio morreria. Três testemunhas relataram tê-lo visto a sucumbir perante uma saraivada de setas na garganta e no peito — o seu primo Jeshurado também morreria, aos pés dele. Nenhum amigo ou servidor estivera suficientemente por perto para resgatar o corpo do senhor no caos antes de a brecha mágica se encerrar, separando definitivamente Kelewan de Midkemia.

Incomo pressionou as suas palmas mirradas nas têmporas e inalou um pouco de ar húmido. Desio dos Minwanabi repousava junto dos seus antepassados, se efetivamente o espírito de um homem conseguia atravessar o fosso desconhecido existente entre os dois mundos. Os rituais tinham sido proferidos na clareira sagrada dos Minwanabi por um sacerdote rapidamente convocado e partiram mensageiros para divulgar as novidades. Tudo isso deveria ser tratado enquanto se aguardava o regresso do novo senhor, proveniente do posto nas ilhas ocidentais.

Naquele momento, o biombo nas costas do Conselheiro Principal abriu-se. Um ar quente e húmido varreu a divisão, agitando o pergaminho e espalhando no chão algumas pingas de chuva trazidas pelo vento. — Dei ordens para que não me incomodassem — protestou Incomo.

— Então, perdoai-me pela interrupção, Conselheiro Principal — disse uma voz seca e incisiva. — Mas o tempo passa e há muito a fazer.

Incomo sobressaltou-se e rodopiou subitamente. Vislumbrou um guerreiro, iluminado por detrás por um clarão branco de um relâmpago, a cruzar a entrada. Tinha água a escorrer-lhe pela armadura de combate e a pluma de oficial estava alisada em bicos. Com pés leves, ágil e quase sem fazer barulho, o homem acedeu ao círculo iluminado pela única lanterna da sala. Retirou o elmo. Tinha os seus olhos cor de mel rodeados por olheiras e o cabelo ensopado colado ao pescoço.

Incomo deixou cair a pena e curvou-se respeitosamente pela cintura. — Tasaio!

Tasaio fitou Incomo nos olhos durante um momento de silêncio e depois falou pausadamente. — Por esta vez, perdoo as liberdades no trato, Conselheiro Principal. Mas é a última vez.

Incomo afastou para o lado a sua secretária de colo, derrubando a pena e o pergaminho, e quase desequilibrando o tinteiro. Descruzou as pernas magras e rigidamente encostou a testa ao chão. — Meu senhor.

O estrondo da tempestade preencheu o silêncio enquanto Tasaio observava intensamente a sala. Não deu autorização a Incomo para que se erguesse, estudando antes as imagens de pássaros pintadas, a gasta esteira de dormir e, por fim, mais demoradamente, o ancião prostrado no tapete. — Sim. Tasaio. Senhor dos Minwanabi.

Depois de finalmente lhe ter sido dada autorização para se levantar, Incomo disse:

— Como é que vós...

O novo amo interrompeu-o num tom levemente irónico. — Incomo! Achais que sois o único nesta casa que dispõe de agentes? O meu primo obteve a minha lealdade, mas nunca o meu respeito. Eu nunca iria desrespeitar o nome Minwanabi, mas na minha posição apenas um louco teria deixado o primo Desio sem ser observado.

Tasaio alisou para trás umas franjas ensopadas e depois ajustou o cinto da sua espada. — Desde que pisei aquela maldita ilha, tive sempre um barco a postos, com tripulação e provisões e pronto a partir. Assim que se deu a morte do meu primo, aqueles que me eram leais enviaram-me a informação às Ilhas dos Postos Avançados. — Tasaio encolheu os ombros, lançando pingas sobre a lanterna. — Apanhei um barco para Nar e recrutei o primeiro navio. Quando é que o Conselho Supremo vai eleger um novo Senhor da Guerra?

Com os olhos presos nos fios de água da chuva que ameaçavam a sua esteira de dormir, Incomo reorganizou os pensamentos. — Só hoje de manhã recebemos a informação. O Luz do Céu convocou uma sessão do Conselho Supremo, a ter lugar daqui a três dias.

— Permitiríeis que eu perdesse essa reunião, Incomo? — perguntou Tasaio, com uma calma quase tranquilizadora.

De repente, as almofadas deixaram de ser uma preocupação. — Meu senhor! — Mais uma vez, Incomo encostou a testa ao chão. — A morte do Desio foi muito repentina. O nosso mensageiro mais lesto partiu de imediato, com ordens para escolher o barco mais veloz. Humildemente alego que fiz o meu melhor. Não culpeis as limitações de um servo, quando o meu senhor foi muito mais sagaz do que seria expectável.

Tasaio riu-se secamente. — Não me agradam lisonjas inúteis, Conselheiro Principal, tal como humildade pouco convincente. Erguei-vos e recordai-vos disso.

Um forte troar de trovão sacudiu a casa e ecos ribombantes reproduziram-se sobre o lago envolvido pela escuridão noturna. Com a capacidade de um comandante de campo para ajustar o seu tom de voz ao ruído, Tasaio prosseguiu. — Aqui estão as vossas ordens, Conselheiro Principal. Dispensai os criados pessoais, a criadagem e as concubinas do Desio. Tenho o meu próprio pessoal e vão servir-me enquanto visto a minha túnica de luto. Esta noite dormirei na caserna dos oficiais. Ordenai ao meu *hadonra* que limpe os aposentos do senhor de tudo o que pertenceu ao Desio. Quero as divisões completamente vazias. As minhas arcas de transporte e os meus artigos pessoais estarão completamente instalados pelo alvorecer

e as túnicas, roupa da cama e outros artigos pessoais do senhor deverão ser queimados. — Tasaio semicerrou os olhos. — Instruí o responsável pelos canis para que corte a goela aos cães de caça assassinos de homens; não vão obedecer a qualquer outro amo. Mal nasça o Sol, deveis reunir todos os membros do pessoal doméstico no campo de treinos. Há um novo Senhor dos Minwanabi a liderar e todos devem compreender que não há lugar para a ineficácia.

— O vosso desejo será respeitado, meu senhor. — Incomo preparou-se para uma noite às claras. Endireitou os joelhos doridos e preparou-se para se levantar, mas o seu amo ainda não terminara.

O Senhor dos Minwanabi observou o seu Conselheiro Principal com uns olhos fixos e resolutos. — Não precisais de me fazer as vontades como fazíeis ao meu primo. Escutarei as vossas ideias em todas as matérias, mesmo que a minha opinião seja contrária. Podeis dar as sugestões que entenderdes como adequadas até ao momento em que eu der as minhas ordens. Feito isto, obedecereis em silêncio. Amanhã vamos rever as contas e formar, juntos, uma guarda de honra. Pelo meio-dia, desejo já seguir a bordo da minha barca cerimonial, descendo o rio rumo a Kentosani. Fazei com que todos os pormenores da minha viagem sejam tratados, pois quando chegar à Cidade Sagrada, pretendo apresentar a minha candidatura.

— Que candidatura, meu senhor? — inquiriu Incomo com um respeito tácito.

Tasaio finalmente sorriu, com um brilho afiado como uma espada estampado no rosto. — Ora essa, ao cargo de Senhor da Guerra, obviamente. Quem poderá ser mais indicado do que eu?

Incomo sentiu um arrepio no pescoço. Finalmente, após anos de desejo ansioso, iria servir um senhor inteligente, capaz e ambicioso.

Um trovão fez de novo tremer o chão e a chuva embateu ruidosamente nos biombos. Muito direito entre o bruxuleante brilho da lanterna, Tasaio concluiu o seu pensamento. — Assim que envergar o branco e o dourado, teremos de eliminar os Acoma.

Incomo curvou-se outra vez. Quando se ergueu, a divisão estava vazia, e o único indicador da visita do amo era uma corrente de ar que passava pela entrada na penumbra. Silenciosamente, o Conselheiro Principal ponderou no desejo nunca proferido, mas que o destino e os deuses garantiram de livre vontade: Tasaio envergava agora o manto dos Minwanabi. Tocado por uma ironia seca, Incomo questionou-se por que razão se sentia cansado e velho face a tal oferenda.

Atempestade deixara águas a escorrer que formavam regatos em redor dos símbolos da sorte instalados no pico de telhados do Palácio Imperial e

goteiras formaram poças nos pátios. No interior do edifício, o som da água a pingar começou a tornar-se abafado; as correntes de ar pareciam suspiros ascendentes e descendentes a percorrer os corredores cavernosos, agitando as chamas das candeias acesas por criados. Lujan e cinco guerreiros com armadura marcharam intempestivamente por através de confluências escuras por sombras para levar informações aos aposentos dos Acoma.

Mara recebeu o Comandante das Forças Armadas na sala ao centro, onde estava reunida com Arakasi. Kevin ficou encostado à parede, bem perto de Mara, com o seu sarcasmo apimentado espicaçado pela inatividade. Estava com dores de cabeça. Tinha os dentes no limite por causa do constante afiar de lâminas por parte dos guerreiros e o cheiro intenso e desagradável do verniz usado para preservar o armamento laminado de pele provocava-lhe enjoos.

Em frente aos coxins da senhora, Lujan ergueu-se da sua vénia. — Senhora — disse ele bruscamente —, trazemos informações sobre novas movimentações por parte de soldados sajaio, tondora e gineisa em aposentos que antes estavam vazios.

Mara franziu o sobrolho. — Cães dos Minwanabi. Há novidades quanto ao próprio dono do canil?

— Não, para já nada. — Lujan desapertou o seu elmo e passou os dedos pelo cabelo empapado.

Arakasi levantou os olhos do monte de notas desalinhadas dos seus contactos espalhados pelo palácio que lhe haviam sido entregues naquela manhã. Fitou o Comandante das Forças Armadas dos Acoma com olhos semicerrados. — Dentro de três dias, o Imperador regressará ao palácio.

Apoiado com um ombro na parede e de braços cruzados, Kevin comentou:

— Está descansadinho a levar o seu tempo, não é?

— Há inúmeros rituais e cerimónias a efetuar pelo caminho — interrompeu Mara, não conseguindo disfarçar totalmente a sua irritação. — Não é possível viajar depressa quando se é acompanhado por vinte sacerdotes, por uma escolta de mil guardas e por quinhentos soldados.

Kevin encolheu os ombros. O confinamento naquele espaço exíguo e a pressão afetara todos. Durante dois dias, os assuntos tratados no Conselho foram crescendo de intensidade. Mara passou quinze horas seguidas enclausurada no grande salão. À noite, regressava tão exausta que quase nem tinha apetite. Apresentava um ar macilento e magro e, apesar da grande solicitude do seu amante, tinha um sono curto e agitado. Se as noites eram insatisfatórias, os dias eram ainda piores. A inatividade absoluta pôs os nervos de Kevin em franja, mas até o aborrecimento tinha limites. Os deveres na copa levaram-no a dar voz à sua revolta e, apesar de muitas vezes ceder à

autocomplacência, faltava-lhe o fatalismo que permitia aos guerreiros tsurani esperar com uma paciência aparentemente sem limites.

Mara suspirou e avaliou os seus ganhos. — Até agora, já reuni com dezassete senhores e só com quatro estabeleci acordos. — Abanou a cabeça. — É um triste registo. Ninguém pretende comprometer-se, embora muitos deem a ideia de que o desejam. Há demasiadas fações a disputar o lugar de Senhor da Guerra, e apoiar um candidato abre declaradamente caminho à inimizade de todos os rivais do mesmo.

Arakasi desamarrotou um bilhete que emanava um pungente cheiro a peixe. — O meu agente nas docas dá conta da chegada do Dajalo dos Keda.

Mara ergueu imediatamente a cabeça ao ouvir aquilo. — Ele está hospedado na sua casa cidadina ou no Palácio Imperial?

— Tende paciência, senhora. — Arakasi remexeu as suas anotações, afastou três delas e depois esquadrinhou a escrita encriptada de outra que, estranhamente, cheirava a perfume. — Casa cidadina — concluiu o Mestre Espião. — Pelo menos esta noite.

Mara bateu palmas para chamar o escriba para ali levado de modo a ajudar com a correspondência. — Escrevei isto ao Senhor Dajalo dos Keda. Primeiro, prestai as nossas condolências pela morte do seu pai, juntamente com a certeza de que o seu fim foi valente e honrado. Depois, dai a entender ao Dajalo que os Acoma possuem um documento com o selo pessoal do Senhor Andero que vincula a Casa dos Keda a um voto de nossa escolha. Dajalo, enquanto novo Lorde Regente, está vinculado a honrá-lo.

— Senhora — interrompeu Arakasi. — Isso não é um pouco... abrupto?

Mara passou os dedos pelo cabelo volumoso, cujas pontas estavam ainda encaracoladas por terem estado presas com alfinetes. — Talvez esteja a adquirir hábitos deste bárbaro que costuma andar por aqui a cirandar. — Fez uma pausa quando se ouviu ao longe a trovoadas. — Não tenho qualquer dúvida... o Tasaio dos Minwanabi não tardará a estar entre nós e nessa altura poderei necessitar de imediato do voto.

Foi interrompida por alguém a bater à entrada. Apareceu um guarda à porta que de imediato fez uma vénia. — Minha senhora, os nossos batedores indicaram a presença de homens armados nos corredores mais afastados do centro do palácio.

Mara olhou de soslaio para Lujan, que enfiou imediatamente o elmo sobre o cabelo desalinhado e saiu ainda a apertar a tira do mesmo. Um relâmpago projetou uma luz prateada para lá dos biombos exteriores, reduzidos a frinchas entre as barricadas agora reforçadas com tábuas. Kevin resistiu à tentação, típica de um animal enjaulado, de andar de um lado para o outro, enquanto Mara e Arakasi se dispuseram a ler relatórios. O arranhar

da pena do escriba preencheu o intervalo até o Comandante das Forças Armadas regressar.

A sua vénia foi muito apressada. — Os nossos vigias detetaram dois bandos de soldados, com cerca de vinte a trinta elementos cada. Passaram ao abrigo das sombras e pareciam dirigir-se a outra parte do palácio.

— De que Casa são? — questionou Mara com algum receio de ouvir a resposta.

— De nenhuma, bela senhora. — A confiança de Lujan revelou-se dúbia. — Usam armaduras pretas, sem marcas ou símbolos.

Mara ergueu os olhos, arregalados devido à luz da candeia. — Então, está a começar.

Lujan distribuiu ordens em voz baixa aos guerreiros do quarto da frente. O último biombo que se mantinha entreaberto para deixar entrar ar foi encerrado e preso no seu caixilho com pregos de madeira. Uma mesa foi voltada ao contrário e encostada à porta que dava para o exterior, e depois presa com uma enorme tranca. Agora, a humidade trazida pela tempestade transformava-se numa espécie de manto sufocante. Arakasi não pareceu afetado, pois permaneceu sentado muito direito a vasculhar os seus apontamentos.

Mas Kevin suou e irritou-se, com as mãos vazias a ansiar por uma arma. As horas arrastaram-se até à meia-noite. Através das paredes chegaram sons abafados. Ouviram-se pés a pisar charcos de água ou a percorrer pátios e escadas, às vezes entrecortados por gritos. A chuva cessou e os insetos no jardim de Mara começaram a zumbir a sua cantoria noturna.

Dado que ninguém pareceu inclinado a atender às necessidades triviais, Kevin finalmente ajoelhou-se ao lado de Mara e afastou o pergaminho que ela já há uma hora segurava sem ler. — Deveis estar com fome — disse, tentando persuadi-la a alimentar-se.

Mara encostou a cabeça ao corpo dele. — Para ser sincera, não. Mas devo comer algo se pretendo apresentar-me em forma amanhã no Conselho.

Kevin levantou-se e preparou-se para o habitual conflito de interesses que sucedia sempre que invadia a cozinha. Jican considerava que poderia deitar a mão a qualquer escravo que andasse de mãos vazias. Nessa noite ele pareceu estar destinado a discutir, uma vez que um batalhão de moços de cozinha já estava a limpar chaleiras e pratos. Como se o estridor das louças fosse um encantamento para manter ao largo os sons distantes do conflito, todas as conchas, ou taças ou tigelas de sopa estavam a ser esfregadas com lixa e polidas. Jican avistou Kevin à entrada e o seu semblante preocupado iluminou-se. — A senhora deseja comer?

Kevin assentiu com a cabeça e deu por si com uma bandeja nas mãos

carregada com pão quente, queijos e fruta. Desapontado com a sua fácil vitória, engoliu a réplica que cuidadosamente preparara e regressou para junto da sua senhora. Pousou a ceia e sentou-se junto de Mara, enquanto ela fazia um grande esforço para se alimentar. No final, Arakasi terminou a comida. Kevin incitou Mara a ir deitar-se, enquanto em todas as janelas e portas guerreiros aguardavam como estátuas, preparados para um ataque que nunca ocorreu.

Chegou a manhã. Mara levantou-se dos seus coxins, ordenou que lhe preparassem o banho e chamou as aias. A maquilhagem disfarçou as sombras de preocupação que lhe marcavam o rosto e três camadas de túnicas formais dissimularam a sua magreza. No último minuto, já quando estava prestes a sair, virou-se para trás e lançou um olhar penetrante na direção de Kevin.

Irritado com a perspectiva de mais um dia entediante, ele fitou-a com os seus olhos azuis inflamados de reprovação.

Principalmente por temer um ataque aos aposentos durante a sua ausência, Mara cedeu ao impulso e compadeceu-se. — Acompanhai-me. Permanecei por perto e calado a não ser que vos dê ordem em contrário.

Kevin praticamente deu um salto para se juntar à comitiva. Lujan indicou à guarda de honra da senhora que formasse fileiras e minutos depois o contingente dos Acoma fazia a sua entrada no Salão do Conselho.

A luz do Sol entrava enviesada pela cúpula lá no alto iluminando os murais amarelados por cima das galerias. Os lugares superiores já se encontravam preenchidos, mantendo-se os de baixo ainda por ocupar. O caos já amainara o suficiente para os nobres tsurani mais uma vez prestarem atenção às hierarquias, constatou Kevin. Seguiu Mara pelos degraus, enquanto Lujan se posicionava com outros dois guerreiros atrás dela. O resto da sua guarda de honra permaneceu na confluência junto à porta, como se o Conselho fosse igual a qualquer outro.

Mas ao passar por uma cadeira vazia a caminho do seu lugar designado, Mara levou a mão à boca para suprimir um grito de comoção. — Problemas? — murmurou Kevin, esquecendo a sua promessa de se manter em silêncio.

Mara reagiu com um aceno de cabeça quase impercetível. — O Senhor Pataki dos Sida morreu — sussurrou ela, indisfarçavelmente triste.

— Quem? — indagou Kevin.

— Um homem que em tempos foi gentil comigo, desafiando o sentimento público geral. Era um potencial aliado. Ontem estava aqui, mas hoje de manhã o lugar dele está vazio.

— Como é que sabeis que não se terá atrasado por causa do pequeno-almoço? — murmurou Kevin.

Mara instalou-se na sua cadeira e indicou com a cabeça ao seu escravo que se sentasse atrás dela e à direita. — Apenas um assassino poderia ter mantido o Pataki longe desta câmara. — Observou as galerias mais próximas. — Aparentemente, faltam três outros senhores.

— Amigos vossos? — Kevin esforçou-se por manter a voz baixa.

— Não. Inimigos dos Minwanabi — esclareceu Mara. Abriu com um estalido o seu leque ornamental e murmurou algo a Lujan, que dispôs os seus guerreiros em volta do assento dela, assumindo depois posição junto à ala onde a sua espada seria a primeira a sair em defesa de Mara.

A galeria mais baixa estava agora a começar a encher-se. Kevin olhou em redor para os grandes senhores do Império, vestidos como pavões com toda a sua plumagem. Alguns sentaram-se nos seus lugares como a realeza, dirigindo a palavra aos que apareciam a pedir favores ou alianças. Outros instalaram-se aos magotes, mudando de posição ou trocando confidências como borboletas em volta das flores. O Jogo do Conselho, mais do que um conflito declarado em prol da hierarquia, era uma subtil e interminável sequência de recontros, malogros e orquestrações sociais.

— Não percebo — disse Kevin após demorados minutos de observação. — Ninguém parece importar-se com a possibilidade de quatro dos seus companheiros de Conselho terem sido assassinados.

— A morte faz parte do Jogo — explicou Mara, e conforme a manhã foi passando, Kevin finalmente compreendeu. Mostrar indevidamente que alguém tinha sido derrotado implicava desonra, uma vez que o assassinio em si mesmo significava que alguém era responsável. Na ausência de provas, os Tsurani encaravam-nos apenas como «acidentes». Um senhor podia matar impunemente e conquistar até a admiração dos seus rivais ao fazê-lo, desde que as formalidades fossem respeitadas.

Um senhor de meia-idade caminhou vagarosamente na direção de Mara, que se levantou para o saudar e lhe dedicar uma vénia. Foi mantida uma conversa social, com um ou dois assuntos relativos a questões comerciais. Kevin foi deixado a sós com os seus pensamentos. Aquela tranquila forma de negociar durante o dia depois de ter havido assassinos a percorrer o palácio na noite anterior era algo que o assustava mais do que qualquer outra coisa desde que fora capturado.

Um ruge-ruge de vozes percorreu a divisão quando um jovem entrou a passos largos na galeria mais baixa. Flanqueado por seis guardas que envergavam armaduras escarlate e cinzentas, instalou-se numa das cadeiras mais imponentes em frente ao dossel central. As cabeças voltaram-se para lá quando fez sinal a um conselheiro para que se posicionasse ao seu lado. Após trocarem umas palavras, o funcionário fez uma vénia e de pronto subiu os degraus até ao local onde Mara e o outro nobre conversavam.

Consciente por um baixo frémito de sussurros de que algo de significativa ocorrera, Kevin observou a troca de palavras.

O conselheiro curvou-se perante Mara. — Minha Senhora dos Acoma, o meu senhor deseja transmitir-lhe que os Keda estão prontos a honrar qualquer dívida feita em seu nome.

Mara inclinou ligeiramente a cabeça e o funcionário partiu. Aquela mensagem produziu um enorme efeito no homem cuja conversa fora interrompida. Todos os seus modos se alteraram, de uma postura de domínio para uma de subserviência. E de repente diversos outros nobres de categoria inferior estavam a descer desde as galerias, para tentaram falar com a Senhora dos Acoma.

Kevin observou maravilhado o modo como se alteravam as subtilezas correntes da política tsurani, enquanto Mara se tornava cada vez mais um dos focos de atenções. Com os líderes das Cinco Grandes Casas perdidos no outro mundo, os clãs mais poderosos foram apanhados dentro das suas próprias lutas de extermínio mútuo, o que deixou pequenas oportunidades para famílias mais modestas desses próprios clãs, bem como para os clãs mais pequenos dentro do Conselho, poderem negociar, fazer promessas e procurar potenciais apoios. Se os exércitos dos poderosos estavam, por causa das rivalidades, destinados a marchar uns sobre os outros, as Casas mais fracas necessitavam de se manter unidas ou, em alternativa, insinuarem-se sob o manto de protetores mais fortes. Foram estabelecidos tratados e promessas de permanecer à distância, estabelecidas concessões, tanto livremente como sob coação, e artigos comerciais trocaram de donos, tal como garantias e oferendas. Conforme o dia foi avançando rumo ao meio-dia, Kevin percebeu que Mara ainda não necessitava de abandonar a sua cadeira: os interessados iam ter com ela, o que não escapou às outras fações. Inrodaka e ekamchi olharam várias vezes de soslaio para o lugar vazio do Senhor dos Minwanabi, enquanto membros do Clã Ionani faziam comentários sorridentes a um Tecuma dos Anasati de rosto empedernido.

Mesmo antes do meio-dia, uma companhia de soldados de púrpura e amarelo entrou acompanhando um jovem esguio e atraente de tez escura até ao assento dos Xacatecas. O herdeiro do manto de Chipino assumiu o seu lugar no Conselho com a postura descontraída do pai. Mara, ao olhar, abriu o seu leque e manteve-o por momentos encostado à testa. Kevin apercebeu-se da perturbação dela. Não pôde confortá-la, mas apenas manter-se muito quieto, quando também ele reparou, com pesar, o quanto o rapaz dos Xacatecas era parecido com o falecido pai.

Três senhores aguardaram educadamente que Mara lhes prestasse atenção. Ela recuperou a pose e entreteve-os com histórias divertidas até a

maioria dos senhores do Clã Xacala terem tido tempo para se apresentarem ao herdeiro do seu antigo Chefe de Guerra.

Surgiu por fim um momento de acalmia. Mara acenou a Lujan e desceu a curta escadaria, até se deter perante o Senhor dos Xacatecas. De perto, Hoppara era extremamente parecido com uma jovem ave de rapina, embora o seu cabelo e olhos fossem de um castanho mais caloroso e em termos de magreza saísse mais à sua mãe, Isashani. Mas tinha o porte e a presença de Chipino, mesmo tendo em conta a sua juventude pouco vivida. Ele ergueu-se, fez uma vénia formal e disse:

— Como estais, Mara dos Acoma?

Mara sentiu-se a enrubescer. Ao perguntar-lhe como se sentia antes de ela poder falar, Hoppara reconheceu perante todos os presentes que Mara era sua superior em termos sociais! Dado que o seu sangue pertencia às Cinco Grandes Famílias, aquele gesto representava pouco mais do que uma cortesia, mas de um modo de certa forma significativo, se bem que subtil, tal concessão implicava consequências espantosas. Mesmo quando Mara inspirou para conseguir reagir de modo adequado, apercebeu-se da agitação nas galerias. Nobres junto ao Senhor dos Xacatecas fitaram-na com assombro, enquanto outros lançaram olhares corrosivos desde os seus lugares do outro lado do dossel.

A resposta dela foi verdadeiramente afetuosa. — Estou bem, meu Senhor dos Xacatecas. A vossa dor é a dor da Casa dos Acoma. O vosso pai era motivo de orgulho para a sua família e clã, e não só. Defendeu com bravura as fronteiras do Império e honrou os Acoma permitindo que nos aliássemos a ele. Consideraria um privilégio se contásseis com a minha Casa entre os amigos dos Xacatecas.

Hoppara logrou um sorriso honroso, embora o esforço não tenha disfarçado completamente a sua dor. — Minha senhora, seria uma honra para mim se aceitásseis acompanhar-me à refeição esta tarde.

Mara fez uma vénia formal, indicando a sua disponibilidade. O regresso à sua cadeira foi de repente travado por uma vaga de aduladores e enquanto o Conselheiro Principal dos Xacatecas não a foi buscar para almoçar, não dispôs de momentos para si própria.

Os aposentos dos Xacatecas no Palácio Imperial tinham o dobro do tamanho dos de Mara. Os tapetes e as antiguidades eram sumptuosos, o mobiliário envernizado a preto num contraste de bom gosto com tons de alfa-zema, púrpura real e creme. Aves *li* em gaiolas de vime suspensas enchiam a sala de cantorias e com o agitar de asas de cores garridas. Mara reconheceu o amor de Isashani pelo conforto e pela elegância e instalou-se aliviada sobre coxins macios e grossos. Os criados tinham sido treinados pelo Senhor

Chipino e um deles servira na campanha no deserto. Já familiarizado com os hábitos dela, segurou uma taça de água aromatizada com o perfume preferido de Mara. Enquanto se lavava, Mara pensou com pesar no velho amo, enquanto Kevin encontrava o seu lugar no chão logo atrás dela.

Hoppara despojou-se da sua pesada túnica exterior, passou uma mão pelo cabelo muito encaracolado e depois sentou-se em frente à pequena mesa ostentando um almoço sumptuoso. Suspirou, puxou para cima as mangas para libertar uns pulsos fortes e tismados pelo sol e depois estendeu as mãos para que fossem lavadas pelo escravo pessoal que aguardava mesmo junto a si.

Quando o escravo terminou as abluções, o jovem senhor lançou um olhar franco com que observou o bárbaro de barba que se colava a Mara como uma sombra.

Kevin olhou-o de igual para igual, até Hoppara erguer uma sobrancelha. — É o vosso amante bárbaro?

A curiosidade não ofendeu. Hoppara tinha a franqueza do pai e a perspicácia da mãe para avaliar as pessoas. Estava simplesmente a ser direto, e não a zombar das escolhas pessoais dela. Mara retribuiu com um ligeiro aceno e Hoppara exibiu o desarmante sorriso de Isashani. — O meu pai falou-me deste homem. Caso seja o mesmo?

— Este é o Kevin — disse Mara, com prudência.

Hoppara assentiu com satisfação. — Sim, o escravo que tem um conjunto de armadura com as cores dos Acoma. — Suspirou, mal conseguindo disfarçar a sua dor. — O meu pai contou-nos como este Kevin foi mais do que meramente útil na batalha travada no deserto.

Mara mostrou um leve sorriso, indicando que estava ao corrente do assunto. — Ele fez uma ou duas... sugestões.

As aves *li* cantaram suavemente durante uma pausa meditativa. — O meu pai não era muito dado a elogios — admitiu Hoppara. Olhou para os talheres como se estivesse a visualizar memórias em vez de alimento nos pratos. — Ele atribuiu muito do que viu no terreno a ideias excepcionalmente originais. Disse que nenhum tsurani teria pensado em ordenar aos seus soldados que montassem nos dorsos de guerreiros cho-ja. Essa tática deixou-o fortemente impressionado. — O jovem senhor também brindou a sua convidada com outro sorriso sedutor. — Assim como também ficou muito impressionado convosco, senhora.

Kevin sentiu de repente uma pontada de ciúmes quando Mara corou com o elogio. — Agradeço-vos, meu senhor.

— Está muito calor? — disse Hoppara de repente, como se o rubor no rosto da senhora tivesse outra causa que não as atenções dele. Acenou a um criado para que abrisse o biombo e a luz do Sol e o ar espalharam-se pela

divisão. O jardim por detrás estava repleto de flores violeta e apresentava-se coberto por árvores de frutos. E depois, como se a leve rigidez de Lujan indicasse que um convidado poderia ficar inquieto com a segurança no lar dos Xacatecas, o senhor tranquilizou-os de pronto. — Este aposento está encostado a uma caserna que alberga a guarda de honra do Imperador. Estão lá permanentemente oito Brancos Imperiais.

Quando Lujan se colocou rigidamente alerta, o tom de Hoppara tornou-se jovial. — A minha mãe nunca apreciou muito isso. Dizia que nunca podia usar túnicas descontraídas ou banhar-se no jardim sem colocar em risco a Família Imperial. Poderia haver assassinos a matá-los, dizia ela, e os Guardas Imperiais estariam ali, a espreitar por cima dos muros com as lanças erradas erguidas, sem que houvesse um único olho de atalaia aos inimigos.

Mara sorriu. A beleza da Senhora Isashani era lendária — as consecutivas gravidezes ao longo dos anos pouco mais fizeram do que adicionar sumptuosidade à silhueta dela — e a sua língua afiada e mordaz era o prazer proibido da polida sociedade tsurani. — Como tem passado a vossa mãe? — quis saber Mara.

Hoppara suspirou. — Bem, tendo em conta as circunstâncias. As mortes do meu pai e do meu irmão mais velho foram, naturalmente, um rude golpe. Sabíeis — acrescentou ele, sem querer perder o fio à meada do assunto original — que o senhor meu pai sugeriu que um dia poderíeis casar com um dos seus filhos mais novos, caso escapásseis das tentativas do Desio para vos suprimir?

Mara abriu os olhos de espanto ao ouvir aquilo, pois os mexericos diziam que Isashani preferia inequivocamente que fosse Hokanu o seu par. — Sinto-me lisonjeada.

— Não estais a comer — observou Hoppara. Levantou a faca e cravou-a num pedaço de carne embebida em vinho. — Por favor, retemperai-vos. Os cãesinhos de colo das minhas irmãs estão com excesso de peso. Se os moços de cozinha lhes derem mais restos, os pobres animais vão acabar por ser confundidos com almofadas. — Hoppara mastigou com um ar pensativo. Pareceu avaliar a expressão de Mara. E depois tomou uma decisão interior e os seus modos passaram de encantadores a sérios. — O meu pai acreditava que iríeis tornar-vos uma das mulheres mais perigosas da História do Império. Sendo ele um homem que escolhia com grande tato os seus inimigos, nitidamente desejava-vos como amiga.

A Mara só restou retribuir fazendo uma pequena vénia de agradecimento. Sorveu o seu sumo de fruta e aguardou enquanto as aves *li* chilrearam suaves melodias.

Agora convencido, sem qualquer dúvida, de que ela não iria ceder aos elogios, Hoppara arrancou um pedaço de pão. Embebeu a côdea num mo-

lho e prosseguiu. — Tendes a noção, naturalmente, de que muitos de nós irão morrer antes de ser investido o novo Senhor da Guerra.

Mara fez um breve gesto de assentimento. O branco e dourado tinham muitos candidatos e havia demasiadas alianças a serem estabelecidas. Até um tolo poderia perceber que as rivalidades iriam acabar num banho de sangue.

— Foi-me ordenado que vos procurasse e vou diretamente ao assunto. — Hoppara fez sinal a um criado, que se curvou e começou discretamente a retirar as gaiolas. Num ambiente cada vez mais silencioso, o jovem senhor começou a falar. — Os Xacatecas desejam sobreviver a esta provação sem perderem demasiado do prestígio que o meu pai conquistou em vida. Nesse propósito, procuramos a situação que nos traga mais vantagens. O meu Conselheiro Principal instruiu-me para vos oferecer uma aliança informal e prometer qualquer ajuda que os Xacatecas possam providenciar desde que...

Mara deteve-o erguendo um dedo. — Só um momento, meu senhor? Ordenado? Instruído? Quem vos orientou?

Os modos do jovem tornaram-se pesarosos. — Ela disse que colocáreis a pergunta. A minha mãe, naturalmente.

Kevin soltou uma gargalhada.

— A vossa mãe? — questionou Mara.

Impassível, Hoppara explicou-se. — Só completarei os vinte e cinco anos dentro de três anos, Senhora Mara. Sou Senhor dos Xacatecas, mas não...

— Não Lorde Regente, para já — completou ela.

Hoppara suspirou. — Ainda não. A minha mãe é a Governatriz até lá... se conseguir manter-me vivo.

— Então, por que razão não está aqui presente a Senhora Isashani? — quis saber Kevin.

Hoppara olhou de relance para Mara, que se explicou. — Ele muitas vezes esquece o seu devido lugar.

— E, naturalmente, nunca conheceu a minha mãe. — O jovem senhor libertou-se do desconforto. — A Isashani pode parecer uma ave *li*, mas é tão dura quanto qualquer soldado e pondera as suas opções como um mercador de seda. Ainda lhe sobram seis filhos e quatro filhas. Se me perder, irá chorar, sem dúvida, mas o Chaiduni tomará o meu lugar e depois dele o Mizu, e a seguir o Elamku, e por aí fora. Depois de nós, há ainda os descendentes das concubinas do meu pai, uns dezoito filhos, não contando com aqueles que ainda têm dentes de leite, além de mais uma leva que ainda nem sequer chegou ao berço. — O rapaz corou ao recordar as tempestades que tinham abalado a sua casa quando o Senhor Chipino regressou do de-

serto com seis novas concubinas, todas elas grávidas. — Os Xacatecas serão uma linhagem difícil de extinguir — resumiu Kevin.

Hoppara suspirou, reconhecendo-lhe razão. — Demasiados bebês e primos com centenas de rebentos e todos prontos a serem reconhecidos como herdeiros do cargo da minha mãe, caso seja necessário. A minha mãe está em segurança nas nossas terras, tendo-me destacado para aqui vir tratar dos assuntos do Conselho. — Gesticulou na direção do grande salão. — A maioria dos nossos rivais não sabe que ainda não sou Lorde Regente. E não lhes será dado motivo para o questionar dado que a minha mãe me autorizou a negociar em nome da Casa dos Xacatecas... dentro de determinados limites.

A mente de Mara foi fervilhando enquanto ponderava todas as equações. — Então sabemos algo que poucos convidados sabem: não viestes ao Conselho para reclamar o posto de Senhor da Guerra.

— Mesmo que o meu pai estivesse vivo, ele não passaria de terceiro na fila dos pretendentes a envergar o branco e o dourado — referiu Hoppara.

— Quem é que está na linha da frente? — Agora, finalmente, Mara recuperara o apetite.

Hoppara encolheu os ombros. — Posso apenas reproduzir o ponto de vista da minha mãe. Os Minwanabi são os mais poderosos, mas não obterão uma maioria clara através da votação. Se os Oaxatucan cessassem os seus conflitos internos, poderia ser um omecham a suceder ao seu antigo Chefe de Guerra. Ainda dispõem de uma forte influência. Os Kanazawai caíram em desgraça por causa dos fracassados planos de paz, pelo que até os Tonmargu estão mais bem posicionados do que os Keda. — Voltou a encolher os ombros, antes de concluir. — Os Minwanabi são a escolha lógica. O Tasaio é um general acima da média. Muitos que não apoiariam o Desio irão estar do lado dele.

As carnes perderam subitamente o sabor. Mara pôs o prato de parte. — Chegamos ao cerne da questão. O que propondes, além de uma aliança?

Hoppara pousou igualmente a sua faca de comer. — Apesar de todo o nosso poder aparente, os Xacatecas estão presentemente em desvantagem. Perdemos dois conselheiros que seguiam na companhia do meu pai e não temos quem nos oriente devidamente. Fui instruído para seguir a vossa liderança, a não ser que vos falte o engenho. Caso contrário, devo apoiar o Tasaio.

— Apoiaríeis aquele assassino? — questionou Kevin. — Após as maquinações pífidas dele em Tsubar?

Mara levantou uma mão, silenciando-o. — É lógico. Assim que os Minwanabi enverguem o branco e dourado, os Xacatecas ficarão

libertos da preocupação imediata de um ataque por parte das outras quatro Grandes Famílias.

— Disporíamos de tempo para reorganizar as nossas defesas enquanto o Tasaio estivesse ocupado a destruir os Acoma. — O tom de Hoppara era prosaico. — No entanto — apressou-se a acrescentar —, trata-se apenas de um último recurso. Apesar de, no imediato, ser mais seguro para os Xacatecas um Império sob a liderança de um Senhor da Guerra dos Minwanabi... — A sua voz esmoreceu, devido à repulsa.

Kevin deu voz ao seu espanto. — Raios me partam se entendo essa lógica.

Hoppara ergueu as sobrancelhas. — Achei que... — Dirigiu-se então a Mara. — Não explicastes?

Como se a luz do Sol que passava pelo biombo de súbito tivesse perdido o seu calor, Mara suspirou. — Apenas o que esteve na origem da nossa presente contenda: a morte do meu pai e do meu irmão.

Uma ave *li* chilreou, abafada, desde a divisão contígua.

— Por favor, cobri as gaiolas — indicou Hoppara a um dos criados. A seguir virou-se para a sua convidada. — Dais-me permissão? — Após o assentimento de Mara, ele voltou-se, perturbado, para Kevin. — Os Minwanabi são... estranhos. Por inapropriado que se possa revelar julgar outra família nobre cujo comportamento permanece honrado em público, há algo na natureza dos Minwanabi que os faz... mais do que meramente perigosos.

Kevin fitou-o completamente desconcertado. — Qualquer Casa poderosa é perigosa. E, do meu ponto de vista, o Jogo do Conselho não passa de perfídia com protocolos.

Se Hoppara ficou chocado com a franqueza do escravo, disfarçou-o bem. Pacientemente, procurou as palavras adequadas para expor as suas ideias. — Estais aqui mais por causa do potencial da Senhora Mara para se revelar uma ameaça do que devido aos seus encantos a quem ninguém fica indiferente. — Fez uma pequena vénia ao proferir isto. — Mas os Minwanabi são mais do que perigosos... São...

Mara interrompeu-o. — São loucos.

Hoppara levantou a mão. — Isso é demasiado severo. Compreensível, no vosso caso, mas ainda assim severo. — Dirigiu-se então a Kevin. — Digamos que têm gostos que são considerados por muitos como doentios.

Kevin sorriu, com os seus inocentes olhos azuis. — Quereis dizer que eles são alterados.

— Alterados? — questionou Hoppara, após o que se riu. — É algo do género. Sim, são alterados.

— Os Minwanabi apreciam a dor. — Mara fixou o olhar numa qualquer imagem que guardara dentro de si, bem menos agradável do que a

sala lavada de Isashani. — Às vezes, a deles próprios, outras vezes a de terceiros. Matam por prazer, vagarosamente. Senhores dos Minwanabi do passado ficaram conhecidos por terem caçado prisioneiros como se estes fossem animais selvagens. Torturaram prisioneiros e contrataram poetas para comporem versos em louvor da agonia das suas vítimas. Alguns são doentes, e ficam... excitados ao ver e ao cheirar sangue.

Hoppara acenou aos criados para que recolhessem a louça e trouxessem vinho. — Alguns minwanabi ocultam-no melhor do que outros, mas todos sofrem deste apetite... alterado pelo sofrimento. Mais cedo ou mais tarde acaba por vir ao de cima. O Jingu era óbvio nas suas depravações. Várias concubinas suas foram assassinadas na cama e, dizem os rumores, a sua primeira esposa foi estrangulada enquanto a possuía. O Desio era tido como menos violento, mas até os pedintes da rua sabiam que batia nas escravas. Nunca pensastes por que razão, apesar de toda a riqueza e poder dos Minwanabi, os senhores nobres não ansiavam por solicitar um casamento para as suas filhas? — Ele deixou a pergunta no ar. — O Tasaio é mais... contido. Servi com ele no terreno e vi-o a violar mulheres detidas como se não passasse de um comum soldado. Também visita com frequência a tenda dos curandeiros, passando por lá não para confortar os seus soldados feridos, mas para saborear a sua dor.

Incidindo a atenção no cálice de cristal quando o seu criado verteu o vinho, Hoppara reprimiu um esgar. — O Tasaio não é alguém que eu desejasse ver no trono do Senhor da Guerra.

— Ele é muito alterado — comentou Kevin.

— E muito perigoso — resumiu Hoppara. Ergueu o vinho, aguardou que Mara provasse o dela e depois bebeu todo o conteúdo do cálice. — É por isso que devo, dissimuladamente, deter a pretensão do Tasaio de se apoderar do branco e do dourado ou apoiá-lo abertamente, obtendo os favores dele.

Mara pousou a sua taça, com os olhos tapados pelas pálpebras cerradas enquanto ponderava as opções que tinha pela frente. — Portanto, pedis que eu arquitete uma forma de apoiardes outra pessoa, um candidato que não se incomode com a vossa aliança secreta com os Acoma, para evitar que a ira dos Minwanabi desabe sobre a Casa dos Xacatecas.

Hoppara assentiu com a cabeça, não escondendo o seu alívio. — Essa seria a melhor opção.

Mara ergueu-se e fez sinal ao jovem quando este se preparava para se pôr de pé. — O vosso pai, em privado, nunca foi formal comigo e gostaria de manter essa tradição. — Enquanto Lujan reunia a guarda de honra junto à entrada exterior, ela disse com prudência:

— Vou consultar os meus conselheiros e manter-vos-ei ao corrente, Se-

nhor Hoppara. Mas compreendi que se vos salvar e proteger a vossa Casa, deveis apoiar-me noutra questão.

O rapaz anuiu, em silêncio, e fez sinal à criadagem presente para que não servisse mais vinho.

Mara fez uma pequena vénia e partiu na direção da porta. Kevin seguiu-a vagarosamente, com os olhos postos no belo jardim do pátio. A parede e a caserna do Imperador estavam afastadas uns bons cinquenta metros do biombo. O Comandante das Forças Armadas de Mara não relaxou um minuto que fosse durante toda a hora que demorou a conversa.

— Um pequeno conselho — disse Kevin ao Senhor dos Xacatecas. — Duplicai a guarda e tratai de transformar este aposento numa fortaleza. Já foram assassinados três ou quatro senhores nos seus próprios leitos e a não ser que os Brancos Imperiais tenham asas, não poderão transpor esse muro das traseiras a tempo de vos prestar auxílio.

Enquanto Kevin se apressava para alcançar Mara e os guerreiros junto à entrada, o jovem Senhor dos Xacatecas pediu a presença do seu Comandante das Forças Armadas. O grupo abandonou os aposentos e atrás ouviu-se a voz de comando firme como aço de Hoppara, que poderia ser a de Chipino. — Não quero saber se não há nada para usar a não ser almofadas púrpura e gaiolas de pássaros! Limitai-vos a selar estas malditas janelas e a barricar todos os biombos. As ideias daquele bárbaro já em tempos pouparam a vida ao meu pai em Tsubar e pretendo levar em conta o alerta dele!

Um criado, envergonhado com aquela explosão, apressou-se a fechar a porta exterior, e Mara sorriu para o seu escravo midkemiano.

— O Hoppara é um jovem muito amável. Espero que sobreviva para poder envergar o manto da família.

— Espero que todos nós sobrevivamos — disse amargamente Kevin quando um amável empurrão de Lujan o colocou no seu sítio. — Estas intrigas para escolher um novo Senhor da Guerra definitivamente provocam-me dores de barriga.



ESPADAS SANGRENTAS

O Conselho terminou. Extensas sombras espalharam-se sobre o pátio entre as confluências quando Mara e a sua comitiva optaram por um caminho alternativo de regresso aos aposentos. Apesar de a reunião, em si, ter decorrido tranquilamente, o ar carregado de tensão deixou apreensivos até os senhores mais poderosos. Tecuma dos Anasati não colocou entraves à ideia de Mara de unirem as suas guardas de honra no regresso aos respetivos aposentos. Visto que o Clã Ionani conquistava uma proeminência surpreendente, fosse ou não esse o seu desejo, o jovem Senhor dos Tonmargu foi encarado como estando interessado no branco e no dourado e Tecuma era vital em qualquer apoio que os Ionani desejassem dar ao seu filho preferido. Quem quer que desejasse lançar a desordem entre os Ionani, a forma mais rápida seria matando Tecuma dos Anasati.

Eram tempos de incerteza para todos. Tecuma não acenou com a cabeça para se despedir quando, acompanhado pelos seus guerreiros, se desviou para a entrada pintada de vermelho. Não deu qualquer sinal de que Mara teria estado com ele, para que ninguém interpretasse mal e assumisse que haveria um relacionamento mais caloroso entre a sua Casa e a dos Acoma.

Completamente exausta, Mara encaminhou-se para o seu quarto. Depois da arejada sala de estar dos Xacatecas, e do enorme e abobadado Salão do Conselho, o interior dos seus aposentos parecia abafado e exíguo. Mara instalou-se, fatigada, na divisão central e Jican aproximou-se de imediato, entregando-lhe um bilhete deixado por Arakasi.

Mara quebrou o selo e leu-o. Franziu de imediato o cenho. — Dizei ao Lujan para não despir a armadura — ordenou, mandando depois um criado ir buscar penas e uma secretária de colo.

Kevin instalou-se resignadamente no seu habitual canto. Viu a sua senhora a escrever rapidamente duas mensagens. Entregou-as ao Comandante das Forças Armadas para que fossem distribuídas e deu umas breves instruções. — Dizei ao senhor em questão que não dispomos de mais pormenores. Se não se sentem capazes de se defender a eles próprios, que se juntem de imediato a nós.

— O que se passou? — perguntou Kevin sobre o chocalhar dos homens que vestiam as armaduras quando Lujan escolheu uma escolta entre as fileiras de guerreiros fora de serviço.

Mara entregou a sua pena manchada a um criado e suspirou. — Um dos agentes do Arakasi escutou um grupo de homens que estavam escondidos nos jardins imperiais. Um deles, descuidadamente, mencionou nomes e revelou que tinham sido enviados para atacar os aposentos de dois senhores que seriam inimigos dos Inrodaka. Dado que quem quer que prejudique essa facção será considerado um potencial aliado da nossa causa, pareceu-me sensato enviar um aviso. — Bateu com o bilhete no queixo. — Suspeito que isto implique que os Inrodaka e o seu bando apoiem o Tasaio.

Entrou a única aia que estava de serviço à residência. Após um aceno de cabeça da sua senhora, começou a remover os alfinetes do penteado elaborado e repuxado de Mara e depois retirou-lhe os colares cinzelados em jade e âmbar. A senhora aguentou de olhos fechados. — Só espero que haja indicações mais claras sobre o perigo que corremos.

Kevin desapertou a sua túnica de escravo de estilo tsurani e de um bolso que não deveria ali existir retirou algo que se assemelhava a uma faca de cozinha. Virou a arma para a candeia para inspecionar a lâmina. — Estamos a postos — disse. — Interessa quando vêm?

Mara abriu os olhos. — Roubastes isso na copa? Possuídes uma arma mortal será a vossa sentença de morte.

— Um escravo ter ideias dá direito a morrer e ainda não me enforcastes. — Kevin olhou para ela. — Se formos atacados esta noite, não vou ficar parado a ver-vos ser morta por achardes que um comportamento dócil me vai garantir uma melhor posição na minha próxima vida. Vou cortar umas quantas goelas. — A última frase foi proferida sem qualquer ponta de humor.

Mara sentiu-se demasiado cansada para discutir. Jican já teria dado pela falta da faca; se o *hadonra* não achara necessário reportar o roubo, averiguar a situação só iria redundar em encolher de ombros e olhares inexpressivos a não ser que ela perguntasse diretamente. O *hadonra* e o seu escravo midkemiano tinham desenvolvido uma relação complexa ao longo dos anos. Entre eles, a maioria dos assuntos resultava em conflitos intermináveis, mas nas poucas questões em que se entendiam, era como se houvesse uma jura de sangue a uni-los.

Perto da meia-noite, ouviu-se alguém a bater à porta exterior dos aposentos dos Acoma. — Quem está aí? — questionou o guarda de serviço.

— Zanwai!

— Abri a porta! — ordenou apressadamente Mara, despertando da sonolência em que se encontrava nos braços de Kevin.

Bateu palmas para que a aia trouxesse uma sobretúnica e depois fez sinal a Kevin para que se colocasse numa posição mais condigna, enquanto

os guerreiros dela levantavam a pesada tranca e arrastavam para o lado a pesada secretária de colo que estava colocada de modo protetor. A portada abriu-se para um corredor escuro sem iluminação e foi permitida a entrada de um ancião, que vinha a sangrar devido a um golpe na cabeça. Era apoiado por um guarda, também ele ferido, que olhou por cima do ombro como se achasse que era seguido. Lujan apressou o par a entrar no aposento, e depois voltou-se para trás de modo a ajudar os guardas a trancar a porta. Mara tinha uma esteira de dormir trazida da divisão que servia de caserna dos oficiais. Os seus próprios criados libertaram o guerreiro ferido do peso do seu amo e instalaram confortavelmente o velho senhor numa pilha de almofadas.

O Líder de Ataques Kenji apareceu com uma saca de remédios e foi ele quem lavou e enfaixou a ferida na cabeça do velho, enquanto outro dos guerreiros de Mara auxiliou o soldado a desembaraçar-se da armadura. Os seus cortes também foram tratados, os mais profundos com unguento, e fortemente enfaixados. Não havia nenhum passível de causar a morte. Mara mandou um criado ir buscar vinho e depois quis saber o que sucedera.

Ainda lívido devido ao choque, o velho fixou os seus olhos de um azul espantoso nos da sua anfitriã. — Uma partida do destino, minha senhora. Esta noite ceei tarde com o meu primo Decanto dos Omechan para celebrar o meu apoio à pretensão dele de envergar o branco e o dourado. Quando estava a preparar-me para partir, o quarto dele foi invadido por soldados de armadura preta sem símbolos. O Senhor Decanto era o alvo deles. Sucedeu eu estar no caminho. O Decanto ainda estava a lutar quando escapámos.

O criado apareceu com uma bandeja com cálices cheios. Mara aguardou até que os seus convidados se servissem, e o guerreiro aceitou a bebida com a mão ainda por ligar. — Quem enviou tais soldados? — perguntou ela delicadamente.

O velho provou o vinho, esboçou um sorriso apreciativo da excelente qualidade e depois fez um esgar como se aquela expressão lhe esticasse os ferimentos. — Temo que terá sido qualquer um dos seis outros primos. Os Omechan são um clã numeroso e o Almecho não indicou nenhum herdeiro claro entre os seus sobrinhos dos Oaxatucan. O Decanto era o sucessor óbvio...

— Mas alguém discorda — sugeriu Mara.

O Senhor dos Zanwai pressionou o pano contra o couro cabeludo e arrastou para trás uma madeixa de cabelo ensopada. — O Decanto é o primogénito da irmã mais velha do Almecho. O Axantucar é o mais velho porque nasceu primeiro, mas a mãe dele era uma irmã mais nova, o que gerou uma grande confusão. O Almecho, maldita seja a sua alma negra,

achou que era imortal. Uma esposa e seis concubinas e nem sequer um filho ou uma filha.

Mara refletiu sobre o assunto e sorveu o seu vinho antes de tomar a palavra. — Fazemos muito gosto que permaneçais connosco, meu senhor. Ou se preferirdes os vossos aposentos, disponibilizo uma guarda de guerreiros meus para vos escoltar de volta.

O ancião inclinou a cabeça. — Minha senhora, estou em dívida para convosco. Se me for permitido, permanecer aqui. Lá fora desenrola-se uma matança. A minha guarda de honra é de cinco homens. Escapámos a pelo menos seis companhias de homens... receio que quatro dos meus guerreiros estejam mortos ou a morrer. Há outros grupos armados em movimento, mas, os deuses sejam louvados, não quisera saber de mim ou do meu derradeiro homem.

Silenciosamente, Lujan duplicou a guarda à porta. Depois, encostou-se ao lintel entre as divisões e, como era hábito, olhou de relance para o gume da sua espada. — Todos eles envergavam a armadura negra igual à daqueles que vos atacaram?

— Não vi — respondeu o velhote.

O guerreiro ferido foi mais explícito. Revigorado pelo vinho, aranhou umas palavras. — Não. Alguns estavam vestidos dessa forma. Outros envergavam o laranja e o preto dos Minwanabi... O Senhor Tasaio deve ter chegado esta noite a Kentosani. E ainda havia uns de uma seita.

Mara quase cuspiu. — Assassinos! Aqui no Palácio Imperial?

Sobre o resplandecente e perfeito gume da arma de Lujan, a senhora e o Comandante das Forças Armadas entreolharam-se. Ela lembrava-se e ele sabia que Mara em tempos quase morrera às mãos de um assassino contratado da Seita dos Hamoi, enviado por Jingu dos Minwanabi.

O guerreiro prosseguiu friamente o seu relato. — Eram de uma seita, minha senhora. Túnicas negras e capuzes. Circulavam em silêncio, olharam para as nossas cores para perceberem qual era a nossa família e seguiram o seu caminho. Esta noite, não éramos a presa de eleição deles.

Kevin ergueu-se e juntou-se a Lujan no trilho do biombo entre os quartos. — O que são «seitas»? — quis ele saber.

Lujan percorreu a lâmina com o polegar. Não percebeu, ao toque, qualquer falha, mas ainda assim um olhar carrancudo turvou a sua satisfação. — As seitas — explicou num tom frio e modulado — são irmandades, famílias sem clã ou honra. As seitas não se aliam a ninguém nem a nada a não ser ao seu «Obajan», o Grande Mestre, e ao seu código de sangue de proscritos. Dizendo isto de forma polida, são criminosos sem respeito pela tradição. — A espada refletiu sob a luz da candeia quando o Comandante

das Forças Armadas a fez rodopiar. — Alguns deles, como os Hamoi, fazem da sua arte suja uma religião de renegados. Creem que as almas das vítimas são verdadeiras preces em honra de Turakamu. Para eles, matar é sagrado. — Lujan embainhou a espada e o seu tom assumiu uma admiração invejosa. — São inimigos terríveis. Muitos deles foram treinados desde a infância e matam com muita eficácia.

— Sei quem me quer ver morta — afirmou Mara com o cálice de vinho esquecido na mão. — O Tasaio tem força suficiente para me ameaçar diretamente. Assim sendo, quem se atreve a contratar seitas e a introduzi-las no palácio?

O Senhor dos Zanwai, fatigado, encolheu os ombros. — Vivemos tempos perigosos. As rivalidades estão de tal forma acicatadas que podem levar um homem condenado a ter a sua morte encomendada por qualquer uma de uma dúzia de fações, e a obra de uma seita não deixa pistas.

— Irmãos podem matar irmãos sem nunca serem acusados de deslealdade. — Mara pousou o seu cálice e uniu as mãos para estabilizar as tremuras. — Quase desejaria que este assunto pudesse ser resolvido em guerra aberta. A matança pelo menos poderia ser mais limpa.

As suas palavras foram acolhidas com uma gargalhada amarga. — Morto é morto — realçou o Senhor dos Zanwai. — E qualquer contenda num campo de batalha resultaria num triunfo dos Minwanabi. — Pousou a sua taça de vinho. — Penso que a seita será algo mais próprio do Tasaio, simplesmente porque uma demonstração aberta das armas dos Minwanabi poderia assustar potenciais aliados e levá-los a apoiar outro pretendente ao branco e dourado. E diz-se que os Minwanabi já no passado estabeleceram negócios com as seitas.

Mara optou por não mencionar que tinha algumas certezas de que tal ideia estaria correta. — A verdadeira questão é saber quem envia soldados sem cores de Casas para calcorream o palácio?

Tristemente, e em silêncio, reconheceu a realidade. Apenas poderia tentar adivinhar; poderia nunca vir a saber determinadas coisas. Chamou os criados para que preparassem para uso do Senhor dos Zanwai um dos quartos de hóspedes ocupados por guerreiros. — Bom descanso — disse ela enquanto um dos seus homens o ajudava a levantar-se. — Que todos nós vivamos para ver o amanhecer.

Ao longo de toda a noite, ecoaram pelo palácio gritos, passos de corrida e às vezes o retinido de espadas em combates distantes. Ninguém dormiu, a não ser a espaços. Mara permaneceu muitas horas nos braços de Kevin, mas o melhor que conseguiu foi dormir por uns momentos, num sono inquieto pejado de pesadelos sangrentos. Soldados acoma ficaram de plan-

tão por turnos, a postos para enfrentar qualquer ataque aos aposentos da sua senhora.

Uma hora antes do nascer do Sol, ouviu-se um barulho do lado de fora da porta do aposento, indicativo de que os guerreiros de guarda tinham pegado em armas. — Quem vem lá? — perguntou Lujan.

Ouviu-se uma voz baixa a responder, que era a de Arakasi.

Mara já desistira de tentar dormir. Fez sinal para dispensar a aia que chegara para a ajudar a vestir-se, enquanto a porta foi destrancada e aberta para permitir a entrada do Mestre Espião. Tinha o cabelo emaranhado com sangue seco e apresentava o antebraço dependurado no gancho do cotovelo; a carne acima do osso do pulso era uma mistura de um inchaço horrível e de uma massa roxa.

Bastou um olhar para Lujan lançar um comentário seco. — Vamos necessitar de um endireita. — Pegou com força no Mestre Espião por debaixo do ombro e ajudou-o a atravessar a divisão até à esteira de dormir que fora utilizada durante a noite pelo Senhor dos Zanwai.

— Nada de endireitas — resmungou Arakasi quando cruzou os joelhos e se acomodou nos coxins. — Instalou-se o caos lá fora. A não ser que seja enviada meia companhia, um mensageiro pode ser esfaqueado antes de conseguir passar a primeira confluência. — O Mestre Espião fitou Lujan com determinação. — O vosso curandeiro de campanha será o suficiente.

— Procurai o Jican — disse repentinamente Mara à sua aia. — Dizei-lhe para trazer bebidas alcoólicas.

Mas Arakasi ergueu a mão sã, antecipando-se a ela. — Nada de bebidas. Tenho muito a contar e uma dor de cabeça já me deixa suficientemente entontecido para ainda ficar mais estupidificado pelo álcool.

— O que aconteceu? — quis saber Mara.

— Uma batalha entre guerreiros desconhecidos de armadura preta e uma dúzia de assassinos da Seita dos Hamoi. — Arakasi calou-se enquanto Lujan lhe examinava o couro cabeludo, para depois desapertar os seus aneparos para as mãos e começar a limpar o sangue em crosta com panos e água trazidos numa bacia pela aia.

— Ide buscar a candeia — disse o Comandante das Forças Armadas em voz baixa quando o ferimento ficou à vista.

A aia obedeceu e Mara aguardou com preocupação enquanto Lujan mantinha a chama defronte dos olhos de Arakasi e observava a reação das pupilas. — Ides ficar bem — garantiu, passado pouco tempo —, mas da cicatriz pode vir a nascer cabelo branco.

Ao ouvir tal coisa, o Mestre Espião praguejou. A última coisa que um homem da sua profissão poderia desejar era uma marca que o distinguisse.

A seguir, Lujan dedicou a atenção ao braço. — Minha senhora — disse

ele suavemente —, é melhor irdes para a sala ao lado, mas deixai aqui o Kevin e um dos guerreiros que seja bom no braço de ferro.

— Basta o Kevin — disse Arakasi, depois de resmungar em protesto.

OMestre Espião parecia mais pálido quando permitiram a Mara que regressasse. Por debaixo de um cabelo bem aparado e de roupa lavada, o seu rosto transpirava. Contudo, não soltara um único grito quando Lujan lhe colocara o braço no sítio. O comentário de Kevin quando regressou ao seu canto do costume, fora: «O Vosso Mestre Espião é duro como o couro de uma velha sandália.»

Mara aguardou pacientemente enquanto o Comandante das Forças Armadas terminava o serviço colocando talas e ligaduras. Assim que Arakasi se instalou com o braço apoiado em almofadas, ela ordenou a um criado que fosse buscar vinho. — Falai apenas quando vos sentirdes preparado.

Arakasi olhou para trás com impaciência. — Estou preparado para não ser alvo de tantas preocupações. — Assentiu com a cabeça em agradecimento quando Lujan se preparou para sair, e depois fez incidir os seus olhos negros sobre a senhora, pronto para regressar ao serviço. — Pelo menos mais três senhores foram assassinados ou feridos. Muitos outros abandonaram o palácio e fugiram para as suas casas cidadinas ou de regresso às suas herdades. Tenho uma lista. — Mexeu-se desajeitadamente e extraiu um papel que tinha dentro da túnica.

O criado chegou com o vinho. Apesar da sua insistência na abstinência, Arakasi aceitou um copo. Bebeu, enquanto a sua senhora verificava as suas anotações escritas à pressa, e recuperou um pouco de cor nas suas feições.

— Os mortos eram todos apoiantes do Tasaio e do Senhor dos Keda — resumiu Mara. — Achais que os assassinos estão às ordens dos Ionani ou da facção dos Omechan?

Arakasi suspirou profundamente e pousou o copo. — Talvez não. O Axantucar dos Oaxatucan também foi atacado.

Mara escutou aquilo sem se surpreender, pois ele tinha poderosos rivais no seio da sua própria facção. — Como é que ele se desenrascou?

— Suficientemente bem. — De olhos cerrados, o Mestre Espião obri-gou-se a descontraír. Com a cabeça encostada para trás à parede, acrescentou: — Todos os atacantes morreram, o que é surpreendente. Eles eram da seita.

Mas Axantucar sempre se revelara um bom combatente. Também ele liderara exércitos no mundo bárbaro. Mara observou o seu Mestre Espião e reparou que ainda não se libertara de toda a tensão. — Sabeis algo mais.

— Quem me dera não saber, senhora. — Arakasi mostrou um olhar demasiado lúgubre. — Uma delegação de senhores foi às casernas e apre-

sentou uma exigência ao comandante da guarnição imperial. Querem três companhias de Brancos Imperiais de guarda ao Salão do Conselho. O comandante recusou. Uma vez que o Luz do Céu não convocou um Conselho oficial, os salões não são da sua responsabilidade. O dever dele é proteger a Família Imperial e não enviará soldados para longe das suas posições a não ser por ordem do Imperador.

Mara tamborilou num copo de vinho num acesso de irritação contida. — Quando é que o Imperador regressa?

— Segundo todas as indicações, amanhã pelo meio-dia.

Mara suspirou. — Então, não nos resta outra alternativa que não seja aguentar. A ordem será restaurada quando o Imperador chegar ao palácio.

Kevin ergueu as sobranceiras. — A presença dele, por si só, será suficiente?

Arakasi corrigiu-o secamente. — Serão os cinco mil soldados que traz com ele a fazê-lo. — E depois acrescentou: — Os grandes senhores foram intransigentes ao apresentar o seu caso. Também os Sacerdotes-Mor das Vinte Ordens reuniram até tarde ontem à noite e proclamaram que a traição em Midkemia era uma prova da fúria divina. A tradição tsurani foi violada, alegam, e o Luz do Céu extraviou-se dos assuntos espirituais para os mundanos. Se o Ichindar dispusesse do apoio dos templos, poderia ainda liderar, mas neste momento tem de ceder e permitir que o Conselho nomeie um novo Senhor da Guerra.

— Então o assunto tem de ser resolvido até ao meio-dia — observou Mara. As razões eram evidentes. Já se dera muita infelicidade desde que o Imperador deitara a mão ao Jogo. Os senhores do Conselho Supremo já tinham demonstrado que não se deixariam afastar. Um novo Senhor da Guerra saudaria o Ichindar aquando do regresso deste ao palácio.

— Hoje à noite — disse tranquilamente Arakasi —, este edifício transformar-se-á num campo de batalha.

Kevin bocejou. — Será que poderemos dormir antes disso?

— Apenas de manhã — concedeu Mara. — Temos de ir ao Conselho esta tarde. A reunião de hoje vai ser altamente decisiva para determinar quem sobrevive à noite. E amanhã, sejam quais forem os sobreviventes, serão esses a designar o novo Senhor da Guerra de Tsuranuanni.

Quando Arakasi se preparou para se levantar das almofadas, Mara acenou-lhe para que permanecesse quieto. — Não — disse ela com firmeza. — Ides ficar e descansar durante o dia.

O Mestre Espião pouco mais fez que não fosse olhar para ela e, mesmo assim, Mara falou como se a tivesse contrariado em voz alta. — Não — repetiu. — É uma ordem. Apenas um louco assumiria que os Minwanabi não irão aparecer. Já fizestes mais do que o suficiente e o Kevin ontem à

noite estava certo. Haja ou não uma ameaça pendente sobre os Acoma, não abandonarei este Conselho. Já estamos preparados para um ataque da melhor forma que nos é possível. Se os nossos esforços não forem suficientes, o Ayaki está protegido em casa.

Arakasi inclinou a cabeça enfaixada de branco. O seu cansaço deveria ser tremendo, pois da vez seguinte que Kevin olhou, a mente inquieta do homem já tinha sossegado. O Mestre Espião de Mara jazia de braços e pernas abertas, finalmente a dormir, e ruidosamente.

Odesassossego apoderou-se do Salão do Conselho. Mara não foi a única governante a entrar com mais do que a habitual guarda de honra — as alas entre os assentos e as confluências estavam repletas de guerreiros armados e o salão assemelhava-se mais a um pátio de armas do que a uma câmara deliberativa. Todos os senhores mantinham os seus soldados à mão, sentados no chão aos seus pés, ou alinhados junto às balaustradas entre as escadarias. Alguém que necessitasse de se deslocar de um lugar para outro era obrigado a seguir caminhos sinuosos, muitas vezes tropeçando em soldados que conseguiam apenas inclinar as cabeças e murmurar desculpas pela inconveniência.

Conforme Mara abria caminho através das comitivas de duas fações rivais, Kevin resmungou por entre dentes:

— Se um idiota desembainhar aqui a espada, morrerão centenas de pessoas antes de alguém ter a oportunidade de perguntar porquê.

Mara assentiu com a cabeça. — Olhai para ali — disse, em voz baixa.

Na galeria inferior, o lugar em frente ao dossel do Senhor da Guerra estava finalmente ocupado. Guerreiros de laranja e preto tinham ocupado o espaço numa formação cerrada e, no meio deles, envergando um conjunto de combate pouco mais ornamental do que o de um oficial, estava sentado Tasaio dos Minwanabi. Se Kevin ficara desapontado pela aparência inócua do Senhor Desio, o mesmo não poderia dizer-se em relação ao primo deste. Tasaio aguardava sentado na sua cadeira com uma imobilidade descontraída que mesmo ao longe emanava presença de espírito. Kevin só conseguiu lembrar-se de um tigre. Tasaio passou rapidamente um olhar pelo salão. Por momentos, prendeu o olhar no de Kevin; ainda assim, permitiu um reconhecimento. O rosto sob o rebordo do elmo permaneceu impassível, mas foi inequívoco o *frisson* de reconhecimento que assolou ambos.

Kevin ficou a olhar por mais tempo e depois inclinou a cabeça na direção da sua senhora. — O tigre sabe que estamos fora do covil dele.

Mara chegou à sua cadeira e sentou-se e, aparentemente, estava completamente concentrada com a sua sobretúnica formal. — Tigre?

— É como os vossos *sarcats*, mas apenas com quatro patas, o dobro do

tamanho e bem mais perigoso. — Kevin assumiu o seu lugar atrás do assento dela, entalado no espaço exíguo pelos guerreiros a mais que por norma esperariam na confluência superior.

Mara avaliou o salão, que lhe pareceu mais sombrio e, estranhamente, mais ressonante. Havia assentos vazios, com o brilho de armaduras e bainhas de espadas mais intenso do que sedas e joias entre os senhores presentes.

Conforme as intrigas se foram emaranhando, as conversas foram ficando mais rebuscadas; as palavras ganharam significado e os olhares entre senhores eram todos bem intensos. Cada lugar vazio representava um elemento do Conselho morto ou intimidado a retirar-se. As fações que permaneceram eram corajosas e algumas uniões políticas redundaram num ambiente agressivo não declarado.

Um mensageiro do Conselho levou um recado a Mara. Ela quebrou o selo, olhou para os dois símbolos estampados no interior e depois fez sinal ao rapaz para aguardar enquanto lia. O Senhor dos Zanwai entrou, acompanhado por uma dúzia de guerreiros. Parecia recuperado da sua provação da noite anterior e como uma ala bloqueada o obrigou a improvisar um novo caminho, optou por um que o levou até perto de Mara. Ao passar, brindou a Senhora dos Acoma com um sorriso e um leve aceno de cabeça.

Ela retribuiu o cumprimento tácito e depois escreveu a resposta à nota que acabara de receber e encaminhou o mensageiro para outra galeria. A seguir, Mara dirigiu a palavra a Lujan. — Conquistámos mais dois votos, graças às informações do Arakasi.

Os assuntos matinais foram sendo tratados. Mara conversou com uma dúzia de senhores sobre temas aparentemente inofensivos. Embora Kevin tivesse tentado acompanhar o enredo secundário, não logrou perceber se as conversações disfarçavam ameaças ou ofertas de alianças. Com uma frequência cada vez maior, deu com o seu olhar a incidir na galeria inferior, onde havia senhores sucessivamente a prestar tributo a Tasaio dos Minwanabi. Kevin não conseguiu deixar de reparar que cabia aos visitantes o grosso das conversas, enquanto Tasaio permanecia essencialmente em silêncio. Quando respondia, as suas palavras eram curtas e secas, como o provavam o brilho dos seus dentes alvos. Os guerreiros, calçados com sandálias, nunca moveram um músculo, permanecendo sentados com uma inumana postura de estátua.

— Os seguidores dele temem-no — segredou Kevin a Lujan num breve momento de confiança.

O Comandante das Forças Armadas dos Acoma reagiu com um aceno quase impercetível. — E têm bons motivos para isso — murmurou em res-

posta. — O Tasaio é um assassino sublime e mantém o seu talento aguçado usando-o com frequência.

Com o seu olhar a incidir no vulto sentado na cadeira laranja e preta, Kevin sentiu um arrepio a percorrer-lhe o corpo. Se o Jogo do Conselho era impiedoso, ali sentava-se o mais implacável jogador de todos.

Mara regressou aos seus aposentos para almoçar e reunir com os seus conselheiros. Arakasi enfaixara o braço numa ligadura para o trazer ao peito e requisitara a escrivãzinha dela. Pela quantidade de notas e de penas, estivera bem ocupado e assim permaneceu quando Mara pediu aos seus servos que trouxessem bandejas com alimentos leves. Kevin viu, entretanto, o Mestre Espião escrever mais três missivas, com os pergaminhos encaixados no seu antebraço com talas, enquanto escrevia de forma regular com a mão esquerda.

— Sois destro — apontou o midkemiano; tinha olho de espadachim e reparar a que mão recorria um homem para escrever fazia parte de um reflexo impregnado. — Seria capaz de jurar.

Arakasi não olhou para cima. — Hoje não posso ser — disse com uma ironia frugal.

Quando Kevin olhou para ver se a caligrafia fora afetada, ficou ainda mais espantado ao constatar que a escrita variava com mestria. Uma das notas pareceu ter sido escrita pela mão de um homem robusto; outra tinha um aspeto feminino e delicado; e uma terceira como se o autor não soubesse ler ou escrever em condições, debatendo-se com uma educação pobre.

— Alguma vez vos confundis em relação a quem sois em determinado dia? — inquiriu Kevin, pois ainda estava para encontrar uma personificação que o Mestre Espião não tivesse experimentado.

Arakasi não deu importância à pergunta e, com uma destreza invejável, dobrou e selou as cartas apenas com uma mão.

Mara já se libertara da sua sobretúnica. Não pediu a Arakasi que lhe cedesse o lugar, optando antes por se sentar na esteira de dormir que ele libertara.

— Quem vai entregar essas? — questionou ela com acrimónia.

O Mestre Espião registou a irritação dela fazendo uma vénia sem graça devido ao estorvo de ter o braço ao peito. — O Kenji mais uma vez ofereceu-se — explicou, num tom gentil. — Estas são as respostas a uma manhã de trabalho frutífera. — Com o olhar de Mara a revelar uma irritação crescente, Arakasi ergueu as sobranceiras em sinal de repúdio. — Proibistes-me de sair, e eu acatei a ordem.

— Estou a ver — comentou Mara. — Deveria ter percebido que sois capaz de dissimular o vosso sono tão bem quanto preparais os vossos disfarces.

— Os efeitos do vinho foram bem genuínos — objetou Arakasi, levemente ofendido. Olhou para os papéis espalhados junto aos seus joelhos. — Desejais tomar conhecimento do que eu consegui saber?

— O Tasaio — atalhou Mara. — Ele está cá.

— Mais do que isso. — O ar descontraído de Arakasi desapareceu. — A maioria das contendas decorridas até agora não passaram de demonstrações táticas. Hoje à noite isso vai mudar. Zonas inteiras do palácio estão a ser preparadas para albergar grandes quantidades de guerreiros e assassinos. Algumas batalhas prévias foram encetadas apenas para ganhar posições a partir de onde lançar ataques.

Mara olhou em silêncio para Lujan, que a informou. — Senhora, os nossos soldados estão ainda a dois dias de distância, em marcha forçada. Só podemos contar com as forças que aqui temos para vos defender.

Aquelas palavras geraram um período de silêncio, no qual a chegada do criado com as bandejas se assemelhou a uma intromissão ruidosa e estranha. Mara suspirou. — Arakasi?

Instintivamente, o Mestre Espião percebeu o que ela estava a pensar. — Não serão necessárias informações secretas. O Tasaio está preocupado em conquistar apoios para a sua pretensão ao trono de Senhor da Guerra. Ele espera que manifesteis o vosso apoio ao adversário dele que se revele mais forte. Mesmo que ele exagere ao avaliar a vossa coragem, e que vós tenteis enterrar a vossa inimizade sob um manto de neutralidade, ele irá avançar para vos destruir. A vossa morte servirá para satisfazer a jura de sangue da família dele face ao Deus Vermelho e, ao mesmo tempo, lançará a desordem entre os vossos aliados. A vossa popularidade está em alta. Derrubar-vos dará nas vistas, e talvez proporcione aos Minwanabi margem suficiente para reclamar o branco e o dourado sobre quem quer que saia incólume das lutas internas do Clã Omechan.

Nesta altura, Mara já recuperara a sua perspicácia. — Tenho um plano. Quem é que poderá ser atacado esta noite?

Arakasi não necessitou de consultar as anotações. — O Hoppara dos Xacatecas e o Iliando dos Bontura parecem estar no topo da lista.

— O Iliando dos Bontura? Mas ele é um dos melhores amigos do Senhor Tecuma e um partidário resoluto dos Ionani. — Mara reparou que o criado, junto às bandejas de comida, não sabia bem o que fazer. Fez-lhe sinal para que retomasse os seus deveres. — O que poderá levar um Senhor dos Ionani a ser destacado como alvo?

— Para avisar os Tonmargu e outros senhores de Clãs Ionani para não se oporem ao Tasaio ou aos Omechan — informou Arakasi.

— Serei levado a pensar que bastaria um recado educado — comentou Kevin.

Lujan interrompeu com um humor seco. — Matar o Senhor Iliando é um recado educado tsurani.

Mara prestou pouco atenção à interrupção e dirigiu-se a Arakasi. — Os vossos contactos conseguem chegar à fala com os senhores que julgais ocupar as posições de topo na lista dos Minwanabi? Necessito de lhes solicitar algum tempo para reunirmos esta tarde.

Arakasi deitou a mão à pena. Mergulhou a ponta e enfiou uma folha nova de pergaminho debaixo da tala. — Emprestais-me o Kenji e dois guerreiros para desempenhar a tarefa? — perguntou, após o que acrescentou, sem desviar os olhos das linhas que escrevia:

— Eles precisam apenas de ir à cidade entregar as mensagens a um certo fabricante de sandálias das bancas junto ao rio. A partir de lá, as entregas são feitas por outras mãos.

Mara cerrou os olhos, como se sofresse de dores de cabeça. — Podeis usar metade da minha companhia, caso vos seja necessário. — A seguir, virou-se para Kevin. — Vede o que o Jican preparou para comermos. Temos de regressar rapidamente ao Conselho.

Enquanto o midkemiano se afastava para ir inspecionar as bandejas, Lujan partiu para ir vistoriar a sua guarnição. — Os homens que descansam — instruiu aos seus Líderes de Patrulha —, esta noite vamos combater.

Quando Kevin regressou com um prato e um sumo, deparou-se com Mara ainda imóvel na esteira. Estava com um ar sério, com as sobrancelhas unidas, e olhava intensamente para o infinito. — Estais bem?

Mara concentrou-se nele quando Kevin pousou a refeição junto aos joelhos dela. — Sinto-me apenas cansada. — Observou sem interesse a comida. — E preocupada.

Kevin soltou um suspiro exagerado. — Por todos os deuses, estou grato por vos ouvir dizer isso.

O gracejo levou Mara a sorrir. — Porquê?

— Porque estou absurdamente assustado. — Kevin enfiou um garfo tsurani com dois dentes numa fatia de *jiga* fria como se trespassasse um inimigo. — É bom saber que sois humana sob esse estoicismo pragmático tsurani. Quando decido fazer algo imprudente, sinto-me tudo menos complacente.

Do quarto adjacente chegou o ruído áspero dos guerreiros a afiar as espadas de pele laminada.

— Este som dá-me vontade de me suicidar — acrescentou Kevin. Olhou para Arakasi, que se dedicava às suas anotações sem o mínimo nervosismo aparente. — Nunca vos apetece atirar alguma coisa pelo ar?

O Mestre Espião ergueu o olhar, com um ar completamente inexpressivo. — Uma faca — respondeu num tom plano e gélido —, através do

coração negro do Tasaio dos Minwanabi. — Ele estava desarmado, ligado, um homem com roupas gastas a escrever missivas num aposento sobrepo-
voadado. Mas, naquele momento, completamente arrepiado, Kevin não teria
conseguido dizer qual deles seria o mais perigoso: Tasaio dos Minwanabi
ou o homem que servia Mara na qualidade de Mestre Espião.

Os guerreiros estavam a postos. As divisões dos aposentos dos Acoma es-
tavam transformadas num acampamento militar, com mais catorze solda-
dados envergando o púrpura e o amarelo dos Xacatecas que se juntaram
às fileiras. O Senhor Hoppara compreendia quase de imediato quando
Mara se aproximou dele no Conselho. Dispondo de poucos homens para
fortificar os seus amplos aposentos e com os Minwanabi já a postos para o
enfrentar, não viu necessidade de permanecer por detrás de uma aparente
neutralidade que poderia levar a que pela manhã já estivesse morto. Parte
da guarnição dos Xacatecas combatera em Dustari e o Comandante das
Forças Armadas Lujan era-lhes conhecido. Os guerreiros procuraram ve-
lhos companheiros, ou travaram novas amizades, enquanto aguardavam
durante as primeiras horas da noite.

Atrás das barricadas montadas com o mobiliário na divisão central do
aposento, no seio de um círculo de soldados e sobre os coxins e as liteiras
que haviam sobrado, Mara sentia-se inquieta. — Por esta altura já deveriam
ter regressado.

Hoppara agitou um dedo dentro do seu cálice de vinho para mexer os
temperos e os frutos adicionados de acordo com o seu paladar. — O Senhor
Iliando sempre foi um homem que desconfiou da lógica.

Mara resistiu à ânsia de procurar o conforto de Kevin quando se apro-
fundou a escuridão do crepúsculo e se escutaram os primeiros baques e
gritos de combates ao longe, que ecoaram pelos corredores no exterior.

Contra a sua vontade, autorizara Arakasi a levar Kenji e uma patrulha
de cinco homens para uma derradeira tentativa de convencer Iliando dos
Bontura do que estava em curso. Quando o chocalhar abafado de duelos
de espada ressoou pelo palácio, Mara temeu que os seus homens tivessem
retardado a sua partida até já ser irremediavelmente tarde.

Mas surgiu por fim o sinal por que ela tanto ansiava, uma batida codifi-
cada à porta. Os homens de Lujan afastaram rapidamente as barreiras para
o lado e baixaram a pesada tranca. A porta abriu-se e Kenji entrou a correr,
com um Comandante das Forças Armadas com plumas violeta e brancas
na sua peugada.

— Que os deuses sejam louvados — murmurou Mara, quando en-
traram mais guerreiros, no meio dos quais figurava o corpulento Senhor
Iliando dos Bontura. Por fim, apareceram os guerreiros com o verde dos

Acoma e, logo atrás, em passo de corrida, Arakasi. Ele passou no instante em que a porta foi encerrada, com o seu elmo com o símbolo de Líder de Patrulha a fazer sombra a um rosto pálido como pergaminho.

Mara abandonou o círculo de proteção interior para ir ter com ele. — Não deveríeis ter vindo a correr — disse num tom acusatório ao Mestre Espião, consciente de que a lividez dele se devia unicamente à dor.

Arakasi fez uma vénia. — Minha senhora, foi mesmo necessário. — O braço com talas sob a capa de oficial estava muito bem dissimulado; ninguém acharia que o guerreiro que tinha pela frente não se apresentava totalmente capaz de se defender. Assim que Mara começou a recriminá-lo, o Mestre Espião logo a interrompeu. — O Senhor Iliando mostrou-se inexorável até que, por fim, lhe traçámos um retrato completo das forças dele, da disposição das mesmas e de quatro formas em que ele se apresentava vulnerável a um ataque. — Baixou a voz ao nível de um sussurro. — Foi a sua própria fraqueza que o convenceu, não a nossa crença de que ele é o alvo para dar uma lição ao Clã Ionani e ao Senhor dos Tonmargu.

Arakasi deitou uma espreitadela à porta, onde os guerreiros tinham recolocado a tranca e as barricadas e junto à qual o Senhor dos Bontura e o seu Comandante das Forças Armadas conferenciavam com Lujan e Hoppara para engendrar uma defesa conjunta. — Não chegámos propriamente cedo — reconheceu o Mestre Espião. O seu olhar voltou a incidir sobre Mara. — Os aposentos do Senhor Bontura já estavam a ser atacados quando parti e as arcas com que tranquei a porta não vão deter por muito tempo os seus atacantes. Quando se depararem com as divisões vazias, dirigir-se-ão para aqui. — Face ao ligeiro franzir de sobrolho de Mara, acrescentou:

— Escapei pelas traseiras, através dos jardins.

Não se atreveu a questionar como teria trepado aos muros no estado em que se encontrava; a falta de fôlego que aparentava bastou-lhe para perceber o quanto se esforçara a correr para apanhar a escolta do Senhor Iliando. A Governatriz dirigiu então palavras firmes ao seu Mestre Espião. — Desembaraçai-vos dessa armadura — ordenou. — Procurai uma túnica de servo e escondei-vos nos armários com os moços de cozinha. É uma ordem — venceu quando Arakasi ia protestar. — Quando isto terminar, se eu ainda estiver viva, mais do que nunca vou necessitar dos vossos serviços.

O Mestre Espião fez uma vénia. Mas antes de desaparecer na direção da cozinha, recorreu ao seu símbolo de Líder de Patrulha para intercetar um par de guerreiros com as cores dos Bontura e dos Acoma. — Levai o vosso amo e senhora para a sala fortificada e convencei-os a permanecer lá. Seremos atacados a qualquer momento.

Uns minutos mais tarde, ouviu-se o som pesado de machados a embater nos caixilhos das janelas exteriores. Guerreiros nos quartos do lado

do jardim puseram-se de imediato a postos, enquanto na divisão que dava para os corredores se ouviu um potente embate na porta da frente fortificada. — Um aríete — gritou Lujan.

Soldados acoma saltaram e lançaram o seu peso contra o mobiliário utilizado como escora, mas o seu esforço de nada valeu. Deu-se o segundo embate. Explodiram lascas de madeira quando os móveis, a tranca e as portas cederam, e o aríete irrompeu pela divisão. Os invasores que se tinham socorrido do seu corpo para fazer força caíram para a frente para abrir caminho às fileiras de espadachins que saltaram desde as suas costas.

Os invasores que jorraram pela porta fendida vestiam de negro. Tinham um lenço negro a tapar-lhes os rostos. Quando o líder acenou aos seus assassinos para que avançassem, Lujan avistou a palma pintada que identificava um assassino contratado da Seita dos Hamoi. A batalha cerrou-se entre as tropas combinadas deles e o inimigo. Espada contra espada num retinir ruidoso e pouco natural. Quando o Comandante das Forças Armadas de Mara se esquivou e estocou, percebeu tudo: alguns dos elementos daquela seita dispunham de espadas metálicas, uma raridade no Império. Com um valor incalculável, tais armas nunca eram usadas em combate, apesar da sua mortífera capacidade para trespassar as armaduras laminadas tsurani.

Um guerreiro bontura soçobrou, trespassado na couraça. Lujan mudou de tática, recorrendo ao anteparo para a mão para deter as afiadas pontas das espadas. Lançou um alerta aos seus guerreiros e dois assassinos tombaram antes de penetrarem dois metros na divisão. Lâminas comuns não seriam capazes de resistir a repetidos impactos. O metal arancou pedaços nas bordas e abriu fendas na resina. Seis guardas acoma foram derrubados e os homens de Lujan recuaram em passo de corrida para impedir que o inimigo se apoderasse da porta que ligava a divisão mais afastada ao núcleo do complexo. A batalha tornou-se uma disputa entre dois lados por entre as ombreiras das portas quando os restantes guardas acoma, com os aliados bontura e xacatecas, se uniram para defender os governantes abrigados atrás de uma parede composta por mobiliário amontoado.

Kevin permanecia ao lado da sua senhora, com os olhos postos nas janelas exteriores do quarto mais distante e secreto. Os caixilhos balouçaram e tremeram e o estuque estalou nos parapeitos, conforme os golpes de machado prosseguiram desde o exterior. Guerreiros recolocaram as proteções no sítio: tábuas arrancadas de calhas de biombos, prateleiras e arcas de transporte. As escoras serviriam para retardar a invasão apenas por uns minutos e os atacantes da linha da frente estavam a ganhar vantagem. Poucos minutos após a primeira investida, aos membros da seita juntou-se uma

torrente de guerreiros de armadura preta que não ostentavam símbolos ou cores de Casas.

Kevin avaliou as possibilidades e tomou uma decisão. A barricada de mobiliário não iria aguentar uma investida com três frentes. — Senhora, rápido, passai para aquele canto — indicou a Mara.

O Senhor dos Bontura olhou espantado quando ela se levantou e mudou de posição. — O que vos leva a dar ouvidos a um escravo bárbaro?

Hoppara foi mais elegante. — O que o homem diz faz sentido, Senhor Iliando. Se permanecermos aqui, rapidamente seremos cercados. — O Senhor dos Xacatecas mudou-se para junto de Mara e depois olhou demorada e ponderadamente para Iliando até o combate se aproximar e a primeira das janelas ceder. A um breve momento de os atacantes se apoderarem do quarto das traseiras, o velho e corpulento governante cedeu.

Os dois senhores empunharam as suas armas e colocaram-se defronte de Mara. Kevin manteve-se por perto, mas um passo à frente, o suficiente para se mover caso fosse necessário.

A batalha na divisão mais afastada intensificou-se; não havia forma de adivinhar quantos assaltantes teriam entrado pela abertura na porta dianteira. O ressoar seco e misterioso de espadas de metal a embater no laminado era rápido e furioso, misturado com gritos horríveis. Defensores do quarto mais central apressaram-se em duas direções, alguns para aguentar a investida frontal e outros para protelar o influxo de atacantes que pressionavam para obter acesso pela janela desfeita; entretanto, na segunda janela os golpes de machado cessaram num repente.

Kevin esticou o pescoço. Por entre os estrondos e o estrépito da luta corpo a corpo, escutou um arranhar suave, através da parede nas suas costas. — Por todos os deuses! Alguém encontrou uma passagem para o quarto de dormir!

Hesitou e depois foi a correr na direção do biombo de acesso ao átrio. Estava uma candeia a arder, inundando o corredor num jogo ondulado de luzes e sombras. Kevin avançou. Os seus pés descalços sentiram vibrações a percorrer o chão de madeira: guerreiros a tombar e golpes de um outro machado. Encostou-se à parede junto à porta do quarto de dormir, à espera, com a mão na faca de cortar carne escondida na túnica.

Um homem de armadura preta investiu. Kevin rodopiou. Cravou um joelho na virilha do homem e depois espetou a faca da carne na concavidade do pescoço por baixo da tira do queixo. Escorreu-lhe sangue quente sobre as mãos quando atirou para trás o corpo tremente e moribundo, contra outro homem que o seguia. Ambos os guerreiros caíram com estrondo.

Havia mais a chegar, uma vaga deles. — Lujan — gritou Kevin —, aqui atrás!

Consciente de que a ajuda poderia nunca chegar, o midkemiano agachou-se, com a adaga empunhada para enfrentar o homem com armadura preta que saltou sobre o par já abatido. A luz da candeia refletiu numa espada empunhada, demasiado comprida para uma lâmina curta poder estocar para lá dela e demasiado dura para a poder deter. Kevin recuou para o quarto. O guerreiro negro mergulhou. Kevin saltou e caiu para trás. A espada roçou no tecido que lhe cobria a barriga. Desequilibrado, certo de que o golpe seguinte seria fatal, o midkemiano debateu-se para golpear o pulso acima do guarda-mão do homem.

Mas a faca roçou a carne e ressaltou no anteparo para a mão do inimigo. Kevin praguejou, retesando-se para suportar o golpe mortífero. Saltou então de um canto o Senhor dos Xacatecas e cravou a sua espada nas costas do homem. O guerreiro negro enrijeceu. As suas pernas paralisadas deslizaram nas tábuas do chão e revirou os olhos ao colapsar.

Outro assassino vestido de negro investiu desde as profundezas do átrio.

— Meu senhor! Cuidado! — gritou Kevin.

Hoppara rodopiou, levantando a guarda no último instante. A lâmina do inimigo não o atingiu, mas roçou gume com gume num rangente duelo de forças. O metal cinzelou o rebordo da couraça da armadura do jovem senhor, escavando um sulco no laminado. Hoppara fez um esgar de dor. Rodou o pulso para o libertar, revirou-o e devolveu um golpe ruidoso na lateral da cabeça do seu agressor. O assassino da seita, sem armadura, vacilou para trás.

Da entrada aberta jorraram mais inimigos vestidos de negro. O Senhor dos Bontura lançou todo o seu peso para a refrega. E Mara ficou sozinha, exposta no canto.

Kevin esgueirou-se ao vaivém das espadas e embateu numa proteção de cotovelo preta. A mão com que brandia a faca de carne ficou pegajosa por causa do sangue. Ao estocar a arma, esta escorregou. O inimigo tombou, a contorcer-se, entre ele e a sua senhora.

A seguir, um par de machados cravou-se nas estruturas de madeira e as portadas atrás de Kevin desabaram para dentro. Saltou estuque da parede quando os pesados painéis embateram e ressaltaram, para serem de novo amolgados para trás por punhos pintados. Mais assassinos da seita, com vestes negras, conseguiram entrar. Livres de armaduras, saltaram para o parapeito, com as espadas retiradas das bainhas em movimentos fluidos. Kevin agarrou o pulso do homem que liderava. A espada desceu. Ele esquivou-se para o lado e puxou-o com imensa força. O assassino foi catapultado pela janela. Ambos os homens se desequilibraram. Quando embateram pesadamente no chão e rebolaram, a faca curta de Kevin revelou-se uma

vantagem. Cravou-a antes de o inimigo conseguir manejar a sua arma mais comprida.

Morto e escravo embateram pesadamente na barreira de móveis. O impacto cravou a faca de carne no esterno do corpo. Kevin tentou puxá-la, num esforço vão, após o que abandonou a arma e arrancou a espada dos dedos moribundos.

Rodopiando sobre os calcanhares com uma agilidade felina, Kevin levantou a espada. Lâmina contra lâmina, desviou um golpe que se aproximava rapidamente do seu pescoço. Do impacto resultou um som estridente e ressonante, e não o ruído surdo que esperara. Kevin riu-se em voz alta. Brandia uma espada metálica. Os deuses lá o saberiam explicar, neste mundo sem minérios, mas era uma arma que ele conhecia.

Kevin atacou violentamente com a estranha espada e não tardou a encontrar o seu equilíbrio. Comprida como um sabre, mas confeccionada com requinte, a espada era manobrada com um à-vontade mortífero apesar de levemente curvada na ponta.

O primeiro homem com quem Kevin se envolveu tropeçou para trás, baralhado, ao deparar-se com aquele bizarro escravo que sabia manejar uma espada. A seguir, os olhos sob a máscara negra estreitaram-se. O assassino recuperou a compostura e ripostou. Atingido por um movimento brusco para a frente e perante paradas bem treinadas, Kevin percebeu que enfrentava uma arma igual e um adversário de grande talento.

Foi então que, ao seu lado, surgiu um guerreiro vestido de verde e outra espada passou a atormentar o flanco do assassino. Ombro a ombro, escravo e soldado acoma empurraram o homem da seita na direção do átrio. O braço do assassino manjava a espada com a velocidade de um relâmpago. Defesa após defesa, evitou os golpes que procuravam tirar-lhe a vida. O guerreiro acoma desequilibrou-se e cambaleou meio passo para o lado. Um cordão com peso estalou através da janela despedaçada e enroscou-se na sua garganta despida de proteção. Assim que cedeu e caiu de joelhos, o assassino da seita que lançara o garrote saltou através da janela.

Um segundo guerreiro acoma e um outro com as cores dos Bontura lançaram-se sobre ele. Sozinho e obrigado a recuar pelo seu inimigo original, Kevin resvalou, sem nada poder fazer, para o lado. A sorte acompanhou-o. O assassino atrapalhou-se ao enfiar um pé num coxim que saltara de algures; escorregou e Kevin enfiou-lhe uma estocada sob a axila.

O midkemiano libertou a sua espada. Olhou em volta e viu o Senhor dos Xacatecas encurralado contra a parede por um guerreiro negro. O homem corpulento de alguma forma desviara-se de um golpe que o deveria ter matado — o que por certo iria suceder no seguinte. Não sendo tão ágil

como o assassino, o senhor era ainda assim mortíferamente rápido. Kevin foi a correr na direção do guerreiro couraçado de preto e atingiu-o em cheio nas costas. O metal enfiou-se por entre a couraça laminada com um chapinhar idêntico ao de um melão a ser perfurado. O inimigo morreu, engasgado em sangue. Kevin deu um salto e colocou-se diante de Mara, com a espada empunhada. Hoppara posicionara-se junto à janela; um vulto negro encharcado em sangue estava estendido por cima do parapeito: o último assassino que tentara entrar.

Respirando com dificuldade e completamente transpirado, Kevin avaliou a situação. Uma louca batalha em três frentes desenrolava-se no minúsculo aposento. Grupos de guerreiros de negro e com as vestes da Seita dos Hamoi zurziam, esforçavam-se e lutavam para desfeitear defensores sitiados. Um assassino da seita afastou-se da refrega, avistou Mara e deitou a mão à faixa que lhe servia de cinto. Ia seguir-se uma faca, percebeu Kevin, sentindo os pelos da nuca a eriçarem-se.

No momento em que o assassino ia aplicar o seu golpe, o midkemiano deitou a mão à túnica de Mara. Deixou-se cair e o seu peso arrastou-a para baixo, quando o assassino lançou a faca, que embateu na parede com estrondo fazendo esvoaçar pedaços de estuque. Kevin sentiu um puxão na camisa. Viu uma dobra da túnica presa e sentiu o braço esquerdo pendurado num ângulo estranho.

Mara estava caída debaixo dele, a respirar com dificuldade devido à pressão do peso do seu corpo. O assassino viu que era a sua oportunidade. Saltou para lá e a sua espada levantada projetou uma sombra sobre os rostos de ambas as vítimas. Kevin revirou-se. O tecido rasgou-se com um grito quando ele lançou a sua espada, com a ponta para a frente, na direção do assassino. A lâmina atingiu o homem na barriga. Este curvou-se, caiu de joelhos e lançou-se para a frente. A espada voou da sua mão e deslizou até se cravar no rodapé. Kevin soltou o último pedaço da sua túnica e depois arrancou da madeira a lâmina ainda a vibrar.

Levantou-se no preciso momento em que outro assassino passava os ombros pela janela e saltava para o quarto. O golpe de Kevin decapitou-o em pleno salto. O corpo desabou, espalhando sangue, enquanto a cabeça ressaltava com um baque doentio e húmido no chão.

A cabeça rolou e foi embater num guerreiro com armadura negra que investira através da entrada das traseiras. Kevin rodopiou para ir ter com ele. O guerreiro hesitou momentaneamente e depois apontou a arma a Kevin. O midkemiano preparou-se para escorar o golpe da espada, mas só depois compreendeu: o homem não iria esgrimir com um escravo. Revoltado como um touro, à maneira tsurani, optou por recorrer ao seu volume couraçado para esmagar um bárbaro arrogante.

Já demasiado tarde, Kevin tentou desviar-se para o lado. O inimigo lançou-se com todo o seu peso contra ele, esvaziando-lhe o ar dos pulmões e empurrando-o para trás para a escuridão do átrio. As suas costas embateram em corpos agitados. Estava em curso uma luta cruel entre a massa invasora da seita e os mais disciplinados defensores às ordens de Lujan. Kevin rebolou para a esquerda quando o pesado guerreiro com armadura tombou sobre ele. Meio esmagado pelo braço do inimigo que brandia a espada, Kevin debateu-se. Não iria ser fácil vencer e a sua própria espada e a mão estavam cravadas na parede. Mas o outro homem também não estava a ter sucesso na tentativa de empunhar de novo a sua arma. O guerreiro não teve outra hipótese que não fosse largar o punho e socar ineficazmente o rosto exposto do escravo. Kevin tentou golpear o pescoço do homem, mas o esforço só lhe valeu um cotovelo esfolado.

E então viu a sua oportunidade. Lançou o seu peso contra o agressor e fê-lo rebolar até este ficar de costas. Erguendo-se, Kevin colocou o braço em redor da garganta do homem; seguiu-se a espada, que o perfurou profundamente. Tira da garganta e cartilagem foram cortadas. O guerreiro agitou-se violentamente e morreu.

Atacado por outros lutadores, Kevin libertou-se do corpo. Esquivou-se a um assassino e correu de volta para a sala principal, onde tentou localizar Mara. Hoppara debatia-se com um homem de armadura junto à barricada de móveis. Um assassino dos Hamoi estava a superiorizar-se ao fatigado Senhor dos Bontura. Kevin golpeou o flanco do homem vestido de preto e seguiu em frente. Mara não estava à vista. Deixando ao Senhor Iliando a incumbência de desferir o golpe fatal ao assassino ferido, Kevin correu para o corredor que ligava os aposentos ao jardim. Os dois quartos estavam vazios. Havia um corpo retorcido no terceiro; outro soldado de armadura negra estava sobre a cama com um olhar fixo e inexpressivo.

Kevin passou apressadamente pelo biombo rumo à última divisão. Ali encontrou Mara encostada à parede, com uma adaga na mão e a roupa manchada com sangue fresco. Não teve tempo para exprimir o seu pânico. Dois homens de armadura negra estavam a aproximar-se, não lhe deixando margem para fugir. Um dos homens tinha um golpe horrível na mão que brandia a espada; Mara já lhe ensinara que a deveria tratar com respeito.

Um grito de raiva animalesco irrompeu da garganta de Kevin quando entrou intempestivamente na divisão. O primeiro guerreiro morreu antes de ter a possibilidade de se voltar. O segundo recuou meio passo e depois ficou muito direito quando Mara lhe cravou a adaga no buraco entre o pescoço e o elmo.

Kevin rodou para a esquerda e para a direita à procura de mais inimigos. Sentiu um peso quente a embater-lhe no peito: Mara. Ela não chorou,

limitou-se a infiltrar-se entre os seus braços, a tremer de medo e de cansaço. Ele apertou-a com força, com a espada ainda a postos para a luta.

Mas, no corredor, o som dos combates esmoreceu. Os estalidos e os sons metálicos dos golpes de espada terminaram num baque de arranhar e o silêncio impôs-se, um zumbido estranho após o estridor do caos e da morte. Kevin soltou um sopro reprimido. Baixou a sua arma gotejante e afagou o cabelo de Mara com dedos que estavam extremamente pegajosos, e reparou nas picadas dos cortes e dos arranhões que passaram despercebidos durante a contenda.

Passado algum tempo, ouviu-se alguém a chamar das divisões mais afastadas. — Senhora!

Mara lambeu os lábios secos, engoliu em seco e obrigou-se a falar. — Aqui, Lujan.

O Comandante das Forças Armadas dos Acoma irrompeu na divisão e estacou de repente. — Senhora! — repetiu. O seu alívio foi bem notório. — Estais ferida?

Só tardiamente Mara reparou nas suas vestes manchadas e salpicadas. As suas mãos, e até a face, estavam cobertas de sangue. Ainda segurava, com dedos escorregadios, a faca. Deixou-se cair, enojada, e distraidamente raspou os nós dos dedos na túnica imunda. — Estou bem. Alguém caiu por cima de mim. Este sangue é de um homem morto.

Como que se apercebendo de que continuava agarrada, como uma criança, ao seu escravo, libertou-se e pôs-se muito direita. — Estou bem.

Enjoado com o peganhento cheiro da morte, Kevin avançou na direção da janela. O caixilho não passava de uma amálgama de lascas e do outro lado do pequeno jardim vislumbrou um buraco escancarado no muro de tijolo. — Vieram dos aposentos ao lado — disse, apaticamente. — Por isso entraram tantos pelas traseiras.

Lujan ergueu uma espada para que fosse analisada por Mara. — Alguns dos assassinos tinham armas de aço.

— Por todos os deuses! — exclamou Mara. — Esta espada é de uma dinastia! — Observou mais atentamente a arma e franziu o sobrolho. — Mas ostenta um punho liso. Sem marcas de Clãs ou de Casas. — Fez um gesto brusco na direção da passagem. — Os vossos homens que inspecionem os mortos. Vede se encontram mais espadas.

— Qual é o interesse? — Kevin afastou-se do parapeito destroçado e estendeu o braço a Mara, que parecia continuar a tremer. Conduziu-a gentilmente em redor dos cadáveres e encaminhou-a para o corredor que ficava do outro lado.

Um passo mais à frente, foi Lujan quem respondeu. — Há poucas espadas de aço no Império. Cada Casa cuja linhagem remonta ao início da

nossa História possui uma, ou consta que sim. Apenas o amo da casa, o Lorde Regente, tem acesso a tal espada. São inestimáveis e surgem logo atrás do *natami* em termos de importância quanto à honra da Casa.

Mara concordou. — Há uma espada da família Acoma que pertenceu ao meu pai antes de mim, e que guardo religiosamente para o Ayaki. É uma rara arma de aço.

Chegaram à ligação do corredor com a sala central banhada em sangue. Já havia guerreiros acoma a desimpedir o chão dos corpos. Jaziam outras cinco espadas de aço encostadas à parede, e com a de Kevin perfaziam seis. — Estas foram encontradas entre os assassinos mortos, Comandante das Forças Armadas.

— Minwanabi? — quis saber Kevin.

Os Senhores dos Xacatecas e dos Bontura entraram vindos do quarto da frente, ambos tão encharcados em sangue quanto Mara, mas um pouco mais cansados. Atraídos pelo reluzir do aço sob a luz bruxuleante da candeia, também eles observaram as armas.

Kevin limpou a sua espada a uma dobra da sua manga. — Esta é nova — realçou, tranquilamente. — Ainda ostenta leves marcas da roda do amolador e o selo do macete do armeiro. — Inspeccionou-a mais de perto uma última vez. — Não tem marca de fabricante.

Todos os olhares incidiram no escravo. Iliando encheu o peito de ar, começando a sentir-se ofendido, mas a curiosidade de Hoppa adiantou-se à sua reação. — Quem tem capacidade para fazer armas antigas?

Kevin encolheu os ombros. — Entre o meu povo, é um ofício comum. Qualquer um de entre uma dúzia de bons ferreiros seria capaz de fazer uma cópia destas, penso seu.

Pouco interessado em permitir que um senhor mais jovem o deixasse ficar mal, Iliando ergueu a espada e, perentório, lançou um comentário. — É afiada, mas penso que não será tão bem confeccionada quanto as forjadas pelos nossos antepassados. Podem ser cópias, feitas com metais de qualidade inferior.

— Mas onde é que um homem iria buscar tal riqueza? — perguntou Hoppa.

— Ao meu mundo — sugeriu Kevin.

Os senhores trocaram olhares, e o mais corpulento mostrou-se espantado com os modos diretos do escravo. Contudo, nenhum deles interrompeu Kevin. — Após uma batalha, os vossos guerreiros recolhem espadas e armaduras como saque. Alguém deitou a mão a ferro suficiente e a um bom ferreiro, e depois mostrou-lhes uma das vossas espadas ancestrais... — Fez um movimento com a arma. — Digamos que a duplicou. Esta espada não é assim tão diferente das usadas pelo povo Hadati na minha terra natal. Um

ferreiro de Yabon poderia forjar uma igual e não seria difícil encontrar um prisioneiro desses a trabalhar para um dos vossos senhores.

— Minwanabi — exclamou Mara, quase cuspiendo o nome. — Todos os metais trazidos como saque são propriedade do Império, sendo alguns enviados como tributo para os templos, outros para o Tesouro Imperial e o resto serve para pagar a manutenção do exército em Midkemia. Mas a recolha é vigiada pelo Senhor da Guerra e, na sua ausência, pelo subcomandante. O Tasaio serviu nesse posto durante cinco anos. É tempo suficiente para um homem sem escrúpulos desviar recursos de contrabando para as terras do seu primo. — O tom de Mara tornou-se pensativo. — Ou para a sua própria herdade, para uso privado.

As feições de Iliando denotaram repugnância. — Se todos os assassinos dispuserem de uma, o custo deste ataque é inconcebível.

— Para um ataque ao Palácio Imperial? — interpôs-se Hoppara. — Seria capaz de apostar que seria necessário o quádruplo destas espadas. — Observou as tábuas do chão manchadas de sangue. — Sem garantias de sucesso e todos os homens com boas hipóteses de morrer. Não, o mais lógico é ter sido o Tasaio a contratar a seita.

— Então — disse Kevin, pontapeando com a ponta do pé o elmo de um guerreiro negro tombado —, quem enviou este grupo?

Hoppara afundou-se, esgotado, num canto livre de sangue de uma esteira de dormir. Observou a sua espada, cujo gume estava coberto de fendas e a ponta laminada já romba. — Fosse quem fosse, o trabalho deles foi uma bênção. Os assassinos e estes guerreiros atrapalharam-se mutuamente. Não sei se teríamos aguentado sozinhos a Seita dos Hamoi.

Mara cruzou o soalho e sentou-se junto do jovem. O cansaço levou-a a suspirar. — Foram homens bons que nos ajudaram a sobreviver, meu senhor. Deixastes a vossa Casa orgulhosa.

O Senhor Iliando lançou um olhar incisivo sobre Kevin, que continuava a empunhar uma das espadas de metal. — Os deuses não vão gostar disto, um escravo...

Mas Lujan interrompeu-o de pronto. — Eu não vi nada.

O senhor mais robusto voltou-se para Mara, inflamado com a rudeza do seu Comandante das Forças Armadas. Ela retribuiu o olhar fixo dele com olhos dóceis. — Não vi nada de inconveniente.

Iliando soltou um intenso suspiro, mas foi Hoppara quem se interpôs com diplomacia. — Referis-vos, creio, a uma espada que vos salvou a vida?

O Senhor dos Bontura enrubesceu. Aclarou a garganta, lançou um olhar a Kevin e depois encolheu rigidamente os ombros. — Eu nada vi — concedeu, com um resmungo, pois ali, nos aposentos de Mara, onde mor-

reram guardas dos Acoma para lhe salvar a vida, contradizer a palavra de uma senhora e do seu convidado seria um insulto à honra de Mara.

Kevin sorriu. Entregou a sua arma ensanguentada a Lujan, que aceitou a oferenda com uma expressão completamente impassível.

Rápida a amenizar o ambiente, Mara disse:

— Meus senhores, seria apropriado se cada um de vós pegasse em duas das espadas, como saques de guerra. Planeio premiar soldados valorosos com as restantes, como prova de um serviço estimado.

Os senhores inclinaram as cabeças, pois a oferenda era um gesto magnânimo. Hoppa sorriu. — A vossa generosidade não tem precedentes, Senhora Mara.

O Senhor dos Bontura anuiu com a cabeça; e, pelo cintilar dos olhos dele ao avaliar a enorme riqueza que acabara de lhe ser entregue, Mara percebeu que a ganância o vergara. A transgressão de Kevin seria esquecida.

— Tratemos de limpar este chão de lixo desonrado — acrescentou Mara para Lujan.

Os guerreiros sobreviventes retomaram o trabalho. Foram reunidas bainhas e as espadas embainhadas, enquanto vasculhavam os corpos à procura de pistas que pudessem provar quem ordenara os ataques. Nada foi encontrado; as seitas ganhavam a vida através do anonimato. Os assassinos de negro ostentavam apenas a flor azul da Seita dos Hamoi e as tradicionais mãos pintadas de vermelho. Os soldados com armaduras pretas não ostentavam qualquer tipo de marca que permitisse identificá-los.

Quando Lujan ficou convencido de que não seria encontrado nada que os incriminasse, ordenou aos seus homens que lançassem os corpos para o jardim através do biombo das traseiras. Depois, destacou pelotões de guerreiros para voltarem a barricar as janelas e as portas com quaisquer materiais que houvesse e para que tratassem dos feridos.

Um soldado trouxe a Mara uma taça de água perfumada e um pano. — Minha senhora?

Mara esfregou o rosto e as mãos, consternada com a sujidade que rapidamente manchou o recipiente. — De manhã preciso da minha aia. — Ergueu o olhar para o soldado. — Estivestes bem, Jendli, mas amanhã preciso de mais do que a compaixão de bons soldados para me pôr apresentável para ir ao Conselho.

O Senhor Hoppa riu-se do comentário, surpreendido por uma mulher tão delicada ter a fibra de já estar a pensar noutros assuntos depois do terror lancinante vivido na última hora. — Começo a perceber por que razão o meu pai tanto vos admirava — começou ele por dizer, após o que se deteve, quando uma estranha sensação se apoderou de todos os presentes.

Kevin deu repentinamente a volta para trás, com as mãos vazias a tatear pela espada que já não brandia. Um olhar na direção de Lujan permitiu-lhe ver que o Comandante das Forças Armadas também estava a espreitar para as sombras, à procura da origem daquele pavor inominável.

Surgiu então um débil silvo, como vapor a ser libertado de um bule a ferver. Todos os presentes na sala olharam para o chão, onde um argueiro de luz verde ganhou vida. Os mais fiéis dos guerreiros retraíram-se instintivamente e os que tinham armas deitaram a mão às espadas.

O brilho intensificou-se até ofuscar a única candeia existente. Sentiram os olhos a arder e a lacrimejar devido ao brilho e uma energia sobrenatural eriçou os pelos dos braços de toda a gente.

— Magia! — sibilou o Senhor Bontura, com o branco dos seus olhos arregalados a manchar-se doentamente de verde devido ao brilho ofuscante.

A mancha iluminou-se e dilatou e depois transformou-se numa forma sinuosa que se retorceu e ondulou no ar. Ninguém conseguiu mover-se, dado que o efeito da luz era hipnótico. O fenómeno fundiu-se numa aparição horrível e incandescente. Surgiram uns olhos cintilantes e uma cabeça em cunha, e uma cauda mortífera afunilada a contorcer-se no chão.

— Um *relli!* — disse Hoppa, falando baixinho.

Kevin conhecia a serpente venenosa de Kelewan, mas aquilo ultrapassava a maior víbora de água doce que alguma vez vira. Com mais de sessenta centímetros, a serpente brilhava com um verde incandescente que lançava um brilho demoníaco sobre todos os objetos da divisão. A criatura deslizou uns centímetros para a frente e a sua língua bifurcada vibrou por entre as fortes mandíbulas para provar o ar.

Kevin olhou para Lujan, que com dedos firmes agarrou a sua arma embainhada. No entanto, nem sequer um espadachim dotado lograria desembarhar e ter a esperança de atacar antes da serpente.

— Que ninguém se mova — sussurrou Mara, ainda na liteira, contendo a respiração.

Como se o som da sua voz tivesse estimulado uma resposta, um leve zumbido agitou o ar. A cabeça da serpente virou repentinamente na direção da Senhora dos Acoma. Os olhos iluminaram-se e pareceram brilhar fantasmagoricamente através do corpo do soldado que se ajoelhara a meio caminho, com a bacia junto aos joelhos e uma mão erguida para lavar o rosto da sua senhora.

A aparição mágica contorceu-se para um lado. A cabeça enviesada virou-se para Mara e a cauda enroscou-se repentinamente. A cabeça ergueu-se e arqueou para trás.

Lujan meneou a cabeça na direção de Kevin que, lentamente, deu um silencioso passo atrás. Com espaço para rodopiar, o Comandante das For-

ças Armadas rodou o pulso. Libertou a espada da bainha e fê-la tombar, com a ponta para a frente, na direção do pescoço da criatura.

Contudo, por alguma razão misteriosa, nenhum homem pode mexer-se sem ser detetado. A criatura semelhante a uma serpente ergueu-se até atingir a sua altura máxima. E depois atacou, com uma velocidade impercetível.

A espada de Lujan cortou o ar e Mara gritou de horror. O guerreiro que estava junto dela lançou o seu corpo à frente dela e a bacia verteu água no chão: a aparição brilhante falhou o alvo. Presas como setas perfuraram a couraça de couro, que não resistiu mais do que um tecido. A cabeça em cunha seguiu-se, desaparecendo no corpo do guerreiro como líquido sugado por um buraco, e a iluminação doentia fluiu a seguir.

Por momentos, a divisão ficou inundada por sombras. E a seguir o guerreiro gritou. As suas mãos mexeram-se e cerraram-se devido à dor e os seus olhos começaram a brilhar de verde. A iluminação intensificou-se, espalhando-se pela pele dele numa maré ardente, e depois incendiou-se e tornou-se ofuscante. A sala ficou em plena escuridão. Depois, a própria carne começou a franzir-se e a enrugar-se. O branco dos olhos do homem dilatou e colapsou e os seus dentes cintilaram de verde em gengivas que arderam sem chama e enegreceram.

Hoppa e Iliando retraíram-se e afastaram-se num terror mudo; Mara sentou-se paralisada, como se o feitiço a mantivesse presa. Apenas Kevin, incitado pelo amor, encontrou forças para reagir. Afastou-se para o lado, passou o braço para lá da carne brilhante que se agitava num tormento irracional e agarrou Mara pelo antebraço. Com um tortuoso grito de esforço, içou-a e arrastou-a para longe do alcance do guerreiro aos gritos. Depois, lançou o seu próprio corpo sobre o dela.

Lujan recuperou os reflexos. A sua espada rodou para baixo num golpe de mestre e silenciou os gritos cruciantes. Saiu fumo do corpo e o brilho verde tremeluziu e dissipou-se. Um brilho vulgar regressou à sala, sendo a escuridão absoluta mantida ao largo pela chama de uma candeia tremeluzente.

Completamente a tremer, o Senhor dos Bontura fez um sinal para esconjurar o mal. — Um mago deseja a vossa morte, Senhora Mara. Aquela coisa detetou-vos através do som da vossa voz!

Kevin limpou as mãos transpiradas à túnica, esquecido de que o tecido já estava empapado. Abanou a cabeça. — Penso que não.

O Senhor dos Bontura pareceu irritado por ser contrariado, mas Mara ergueu-se do soalho sem se sentir ofendida. — Porquê?

O midkemiano olhou para trás na direção dela, com os seus olhos azuis a fitarem-na. — Se um Manto Negro desejasse ver-vos morta, já o estaríeis,

e nada que pudéssemos fazer serviria para o evitar. Um único daqueles globos de raios que vimos nos jogos lançado para aqui bastaria para pôr fim a tudo, mas se alguém vos quis assustar como o diabo só para deixar um aviso, uma serpente vagarosa seria o ideal.

— Serpente? — questionou Mara. O entendimento surgiu quando envolveu os joelhos com os braços, encolhida. — Referis-vos a um *relli*. Sim, talvez a razão esteja do vosso lado.

— Há outra hipótese — anunciou Hoppa, limpando o suor da testa com a parte de trás de um pulso. — Magos e sacerdotes inferiores sabem fazer magia e, ao contrário de qualquer membro da Assembleia, podem ser suscetíveis a subornos.

— Quem? — Kevin esforçou-se para que não se notasse nervosismo na sua questão. — Quem disporia desses meios?

Hoppa observou o morto que soçobrou por via do feitiço, com os lábios repuxados num assustador ricto de dor. — Se um homem pode confiar a riqueza de uma nação à Seita dos Hamoi para comprar assassinos, não pode igualmente inclinar-se a subornar os sacerdotes de um templo poderoso ou contratar os serviços de um Mago Inferior renegado?

— Acusais os Minwanabi? — questionou Iliando, com as suas mãos grossas ainda agarradas às mangas.

— Talvez. Ou o grupo que nos enviou os soldados de negro. — Hoppa levantou-se de um salto, como se a sua imobilidade pudesse queimá-lo. Com armadura, manchado de sangue e descomposto devido à pressão, era muito parecido com Chipino. — Amanhã poderemos descobrir, se sobrevivermos até regressarmos ao Conselho.

Ninguém comentou.